

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



PRODUÇÃO CULTURAL: DO PRIVADO AO PÚBLICO

DOIS MUNDOS, DUAS REALIDADES

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM

PRODUÇÃO

Andreia Sofia Luís de Almeida

Amadora, agosto de 2012

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

PRODUÇÃO CULTURAL: DO PRIVADO AO PÚBLICO

DOIS MUNDOS, DUAS REALIDADES

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Andreia Sofia Luís de Almeida

Relatório de Estágio submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Produção, realizada sob a orientação científica de David Antunes, Professor Adjunto, Teoria.

Amadora, agosto de 2012

ao Rafael, a luz dos meus olhos.

Um agradecimento muito especial,

ao Professor David Antunes, orientador do relatório, pela orientação, exigência e rigor;

à Professora Conceição Mendes pela sua disponibilidade, pelo seu incentivo e pela sua
confiança no meu trabalho;

à Tiza Gonçalves, por me ter dado asas e acreditado em mim;

à Susana Duarte, pelas suas orientações;

à Mafalda Sebastião e à Cecília Folgado, por estarem sempre presentes em momentos
de necessidade;

ao Samuel pelo seu apoio, compreensão e carinho nos momentos mais difíceis;

e, aos meus pais por continuarem a acreditar em mim e pelo seu apoio incondicional.

Resumo

O presente relatório refere-se ao estágio de mestrado em Produção, realizado no São Luiz Teatro Municipal, entre fevereiro e maio de 2011 e teve como objetivo relatar todo o período de estágio, descrevendo todas as suas fases de trabalho, missões e objetivos.

No entanto, tornou-se fundamental refletir sobre as duas realidades nas quais trabalhei: estruturas privadas e estruturas públicas. Assim, caracterizei quer umas quer outras, mostrando igualmente o meu percurso em ambas.

Da participação neste estágio e da participação em estágios e trabalhos desenvolvidos anteriormente resultaram os registos que apresento, sobre a temática da gestão e organização de estruturas privadas *versus* estruturas públicas: a) nas estruturas privadas existe uma multidimensionalidade das tarefas desenvolvidas a nível artístico, de gestão e de organização; contrariamente, nas estruturas públicas existe um esquema organizacional bem definido, com limites de ações estabelecidos; b) nas estruturas privadas, os recursos financeiros são escassos e as condições de trabalho precárias; nas estruturas públicas há maior segurança e estabilidade quer financeira quer profissional, apesar da crise socioeconómica que atravessamos; c) nas estruturas privadas há maior companheirismo e espírito de interajuda, só possível em pequenas estruturas; nas estruturas públicas, pela especificidade, existe um espírito colaborativo mais controlado.

Com este relatório pretende-se dar um pequeno contributo para o desenvolvimento da organização e gestão de equipamentos e estruturas culturais do nosso país.

Palavras – Chave

Produção – Estruturas Privadas – Estruturas Públicas – Teatro Municipal

Abstract

The present report concerns to the master degree in Production internship at São Luiz Municipal Theatre between February and May 2011 and had as its objective to report the internship period, describing all the phases of the work, tasks and objectives.

However, it became fundamental to reflect about the two realities that I worked on: private and public entities. Therefore, I characterized both, showing equally my way through both.

My participation in this internship and internships and works done before resulted in the registered information that I will present, in the thematic of management and organization of private versus public entities: a) in the private entities there exists a multidimensional of tasks to be developed at an artistic, management and organizational level; on the contrary, in the public entities, there exists a well defined organizational scheme; b) in the private entities, the resources are limited and the work is precarious; in public entities are more secure and stability whether it be financial or professional, in spite of the socio-economic crisis; c) in the private entities there is a greater comradeship and willing to be helpful, only possible in small structures; in the public entities, due to the structural and functional specificity, the collaborative spirit is more controlled.

This report hopes to give a small contribution to the development of organization and management of equipments and cultural structures in our country.

Keywords

Production – Private Entities – Public Entities – Municipal Theatre

Índice

Introdução.....	9
Capítulo I.....	11
O São Luiz Teatro Municipal.....	11
Caracterização e contextualização de um teatro municipal.....	11
Organograma.....	17
Direção de Produção, local de estágio.....	19
Conceitos de Produção, Produtor e Produtor Cultural.....	19
Funcionamento por projeto.....	22
Estágio: Projetos produzidos.....	24
Capítulo II.....	30
Estruturas Culturais privadas.....	30
Vo' Arte.....	30
Teatro Instável.....	32
Bica Teatro.....	32
Artelier? Cia. Artes de Animação e do Teatro de Rua.....	33
Ai! a Dança.....	33
Funcionamento das Estruturas Culturais Privadas.....	34
Conclusão.....	39
Referências Bibliográficas.....	42
Anexos.....	44

Introdução

No âmbito do curso de Mestrado em Teatro – Especialização em Produção decidi optar, para a obtenção do grau de Mestre, pela frequência de um estágio profissional com relatório final.

Interessava-me realizar um estágio na área de produção cultural e numa estrutura que acolhesse e/ou produzisse projetos de artes de espetáculo.

Queria, com esta escolha:

- Acrescentar à minha experiência profissional o que chamo “o outro lado”; o lado da estrutura acolhedora; o lado de quem compra o produto cultural, seja ele qual for; o lado do observador;
- Experimentar a sensação de estar num local em que os espetáculos eram recebidos e não propostos;
- Estar dentro de uma hierarquia bem definida, em que as competências estivessem muito bem delineadas e a funcionar por objetivos;
- Trabalhar com outros géneros artísticos, para além do teatro e da dança.

Queria, sobretudo, trabalhar num Teatro e experimentar o *stress* provocado pelas tarefas do seu dia-a-dia.

Surgiu, então, na sequência desta vontade, a oportunidade de estagiar na Direção de Produção do São Luiz Teatro Municipal, equipamento cultural sob gestão da EGEAC, EEM - Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural.

No presente relatório, pretendi, antes de mais e tendo sempre em conta uma perspetiva muito pessoal de todo o processo, relatar todo o período de estágio realizado de fevereiro a maio de 2011, ambicionando descrever as respetivas missões e objetivos e apresentar uma caracterização cuidada do contexto cultural no qual o estágio se

realizou, nomeadamente, de forma geral, da cidade de Lisboa, e, em particular, da EGEAC, EEM e do São Luiz Teatro Municipal.

Por fim, apresento uma reflexão crítica sustentada, sobre a temática da gestão e organização de estruturas privadas *versus* estruturas públicas.

Capítulo I

O São Luiz Teatro Municipal

Caracterização e contextualização de um teatro municipal

O São Luiz Teatro Municipal (SLTM), propriedade da Câmara Municipal de Lisboa e gerido pela EGEAC, E.E.M.¹, com duas salas de espetáculo - a Sala Principal, sala de espetáculos estilo “teatro à italiana”² com cerca de 714 lugares e o Jardim de Inverno, espaço não convencional³ e versátil, que se pode transformar num *café-teatro*⁴, numa sala de espetáculos mais tradicional⁵ ou, simplesmente numa danceteria na qual poderão entrar 170 espectadores - é um equipamento cultural transdisciplinar⁶ e cosmopolita⁷ que, corroborando com o que Miguel Abreu afirma no *Guia das Artes Visuais e do Espetáculo*, em 2006, sendo os principais objetivos de um teatro municipal, nomeadamente – *a democratização do acesso às artes do espetáculo; a criação, formação e fidelização de públicos; a promoção da qualificação do tecido cultural e artístico local; a contribuição para o desenvolvimento e reconhecimento da imagem do município; a promoção de parcerias e colaborações entre entidades culturais privadas e públicas; a programação artística de um teatro municipal, não deveria ser meramente aleatória e casuística, mas sim, uma programação pensada e adaptada à realidade e*

¹ Criada em 1995, inicialmente com o nome EBAHL – Equipamentos dos Bairros Históricos de Lisboa, E.P., a EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (nome adotado em 2003), em termos jurídicos é uma “pessoa colectiva de direito público, com natureza empresarial, sob a forma de entidade empresarial local, dotada de autonomia administrativa, financeira e patrimonial” da cidade de Lisboa, que surgiu da necessidade de uma gestão dos equipamentos culturais da CML mais adequada à sua realidade cultural, proporcionando, assim, uma melhor intervenção municipal nesta área (Empresa/Informação Institucional / Estatutos. EGEAC. Web. 26 de julho. 2012).

² “O edifício teatral dito “à italiana” é constituído por três partes distintas. A que é destinada ao público (...) a Sala (...); a Caixa de Cena, que está reservada à representação; aquela que é destinada aos Serviços do Teatro (...)” (Villar, Manual de Equipamentos e Materiais de Espetáculo, 19)

³ Segundo Miguel Abreu, “ (...) todos os espaços que são transformados e adaptados para a representação de espetáculos” (Abreu, *Guia das Artes Visuais e do Espetáculo*, 59)

⁴ “Espectáculo que integra normalmente poesia e canções, apresentado num local específico, misto de bar e teatro.” (Solmer, 1999 45)

⁵ Refiro aqui a palavra “tradicional” como alusão às salas de espetáculos criadas de raiz para esse fim e que detêm todas as condições técnicas necessárias para acolhimento de espetáculos e do seu respetivo público.

⁶ Entendido, aqui, como a relação entre várias disciplinas ou áreas de conhecimento. (<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=interdisciplinar>, consultado a 26/06/12)

⁷ Aplica-se, aqui, a definição de António Pinto Ribeiro na qual “(...) cosmopolitismo é, principalmente, uma abertura e uma predisposição para receber todos os mundos, inclusivamente dos excluídos (...)” (Ribeiro, 1998, 6)

*aos objectivos traçados pela sua autarquia e encontrar um ponto de equilíbrio entre os interesses do poder político, os diferentes interesses dos diversos públicos e os próprios interesses do programador; justificar um orçamento próprio para a produção, a coprodução e compra de espectáculos (cd-rom) – visa, em primeiro lugar, em Lisboa, cumprir a sua missão “serviço público”*⁸:

- A democratização da cultura⁹ e o acesso, de forma igualitária, de todos os cidadãos às artes do espetáculo;

e, em segundo lugar:

- A promoção do tecido artístico e cultural local com a produção, contratação e oferta de numerosos e diversificados espetáculos de cariz inovador.

Com um orçamento de 2.469.322 euros, valores de 2011, apresentados em Relatório e Contas 2011, o SLTM proporciona, usualmente, aos seus espectadores, uma programação variada e eclética¹⁰, tendo sempre como base as políticas culturais defendidas pelo poder que o sustenta, neste caso, o poder local.

Segundo o estudo *Estratégias para a Cultura em Lisboa*, um estudo encomendado pela Câmara Municipal de Lisboa, datado de junho de 2009, “Lisboa tem uma oferta cultural variada e significativa, em termos quantitativos, e que tem crescido substancial e sustentadamente ao longo dos últimos anos, embora haja situações muito diferenciadas nas várias áreas culturais, exprimindo no entanto, e nalguns casos, um dinamismo que aparenta ser mais quantitativo do que propriamente qualitativo.” (21).

Ora, esta situação tem vindo a ser controlada, por um lado, e dinamizada por outro, com a criação, por parte dos Pelouros da Cultura das Câmaras Municipais, de Empresas

⁸ “[meio facilitador] de instrumentos para uma correcta descodificação e consciente fruição crítica do objecto cultural (...) e (...) capacidade de salvaguardar a oferta de bens e serviços culturais que, em cada cidade, uma ou várias minorias ideológicas, estéticas e/ou sociais não encontram, porque não são rentáveis ou interessantes no “mercado do entretenimento” ou no “mercado institucional” ou oficial.” (Abreu, *Guia das Artes Visuais e do Espetáculo, cd-rom*)

⁹ No séc. XXI, a ideia de cultura passa a ser fundamental na área das ciências humanas e sociais. De um modo geral, assume-se a cultura como o desenvolvimento espiritual, intelectual e estético de uma determinada sociedade/civilização.

¹⁰Para o Priberam, dicionário *on-line*, a palavra Eclético significa, entre outras coisas, “ [algo] que é composto de diferentes elementos, de tendências divergentes”- consultado a 26/06/12)

Municipais, que vieram, segundo o estudo acima referido, facilitar toda a burocracia inerente às exigências específicas do setor cultural, mais precisamente, do setor cultural das cidades.

Miguel Honrado, em entrevista, aquando dos cem dias à frente da Presidência do Conselho de Administração da EGEAC, afirmava que “(...) estas empresas existem para possibilitar e agilizar a intervenção municipal ou pública fora do espartilho das normas que regem a administração pública e que são desadequadas para a gestão de muitas realidades, inclusivamente a cultural (...)” (Dourado, 11).

Cecília Folgado, por sua vez, em *As Empresas Municipais como Instrumentos de Gestão Cultural nas Cidades de Portugal*, defendeu que as Empresas Municipais direcionadas para a Cultura, deveriam ter uma visão global sobre a sua cidade, desenvolvendo e promovendo, em parceria com outras empresas e instituições, ações e “(...) cenários que permitam a construção de uma cultura mais rica e diversificada, mais forte, sinérgica e partilhada.” (7).

Ora, essa intervenção pode ser feita mediante a escolha, por parte das autarquias, de um dos modelos propostos por Elisa Perez Babo e Pedro Costa, em *As Indústrias Culturais e Criativas: Novos Desafios para as Políticas Municipais* (2007), a saber:

- a) Assente no conceito de *Cidades Criativa*, autores como Richard Florida, Charles Landry e Franco Bianchini (Comedia), acreditam que a cidade pode ser “trabalhada” através da cultura, procurando soluções criativas para os seus diversos problemas. Este trabalhar pode, ainda, assentar no desenvolvimento económico através, por exemplo, segundo Andy Pratt, das chamadas Indústrias Culturais;

- b) O segundo modelo, tendo a cultura como pilar central das políticas da cidade, assume-a como a base para o desenvolvimento regional e local (exemplo disso, são as Cidades Europeias da Cultura);
- c) Numa terceira perspetiva, esta relação entre a cidade e a cultura decorre não de ações estruturadas, definidas e programadas, mas de conjunturas que contaminam o local onde se inserem (exemplo clássico, Hollywood).

Cecília Folgado defende, ainda, um quarto modelo, o modelo do Marketing Territorial, o qual “ (...) parte da identificação e valorização das identidades locais, a sua “exploração” e contextualização no âmbito da política da cidade, no sentido de a promover (...)” (*As Empresas Municipais como Instrumentos de Gestão Cultural nas Cidades de Portugal*, 2).

Ora, apesar de bem definidos, não significa que estes modelos não se possam cruzar entre si. Em cidades como Berlim e Barcelona denotam-se não só esforços a nível do marketing territorial como, também, na exploração de elementos estruturais que se interligam, potenciando o seu próprio território.

Lisboa, em 2011, ano em que estive como estagiária no São Luiz Teatro Municipal, na minha opinião, enquadra-se, neste grupo, já que através dos vários esforços da EGEAC, E.E.M, designadamente através da criação e revitalização, em diversas zonas da cidade, de equipamentos e espaços culturais com programações muito específicas e públicos muito variados, nomeadamente, entre outros, o Maria Matos Teatro Municipal, o Castelo de São Jorge e o Cinema São Jorge, conseguiu dar à cidade, uma dinâmica muito forte, catapultando-a para o patamar de uma cidade criativa.

Observe-se que 2011 foi o ano do 1º *Festival de Sabores e Cinema*, promovido pela Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa; do Centenário do *Museu do Chiado*; da

estreia de *Noite de Ronda*, da coreógrafa Olga Roriz, no Teatro Camões; da 3ª edição do Festival *Próximo Futuro*, da Fundação Calouste Gulbenkian, um encontro de culturas de África e da América do Sul com a Europa; de *Scena 2011*, colóquio internacional promovido pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa, dedicado aos modos de produção da cenografia que decorre na escola e no Instituto Francês de Portugal; de mais uma edição das *Festas de Lisboa*, promovida pela EGEAC, E.E.M e pela Câmara Municipal de Lisboa; da estreia de *Orquestra Todos*, uma orquestra criada em Lisboa que reúne músicos portugueses e imigrantes num projeto de aproximação de culturas através da música; da inauguração do *Teatro do Bairro*, um espaço de convívio entre as diferentes artes performativas contemporâneas; e, de apresentações e estreias de diversos espetáculos de dança, de teatro, de circo, de circo aéreo, de música, entre outros.

Porém, o ano de 2011 foi, também, um ano de grandes mudanças económicas, políticas e sociais no panorama nacional, com o pedido de ajuda do Governo Português à União Europeia, ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Central Europeu e, como podemos aferir no preâmbulo do relatório *Instrumentos de Gestão Provisional* da EGEAC, de “restrições financeiras impostas pela Lei de Orçamento Geral do Estado de 2011, e das vigentes autarquias e que se traduzem também na redução da dotação municipal à exploração da empresa”, conduziram a um corte no seu orçamento geral e, conseqüentemente, no orçamento do São Luiz Teatro Municipal, que sofreu um corte de 15%.

Paralelamente a este facto, a grande dificuldade em encontrar financiamentos exteriores, fez com que o São Luiz abandonasse alguns projetos da programação da temporada 2010/2011 (ainda sob a assinatura de Jorge Salavisa), alguns, mesmo, de grande dimensão, a saber, o ciclo “Viva o Povo Brasileiro”, festival de artes performativas, artes visuais e cinema previsto para junho e julho de 2011.

Com a tomada de posse da nova Direção Artística e, presume-se, devido às dificuldades atrás mencionadas, registou-se, no SLTM, o progressivo abandono à produção própria.

A nova Direção optou por aplicar o orçamento do teatro na realização de coproduções¹¹, redistribuindo, desta forma, o investimento público naquele equipamento cultural.

Paralelamente a esta opção de gestão, a Direção entendeu aplicar, no teatro e nos projetos por si desenvolvidos e cofinanciados, a partilha de risco financeiro, ou seja, a partilha de bilheteira, que podia variar conforme o tipo de negócio (coprodução acolhimento¹², cedência¹³, etc.).

No que diz respeito a ganhos e despesas, os números apresentados no relatório final de contas da EGEAC¹⁴, foram, relativamente a receitas, de 186.012 euros dos quais 70% resultaram de receitas de bilheteira, 26% de concessões e 4% de outros; e relativamente a despesas, de 2.441.617 euros, dos quais 43% correspondiam a atividade, 38% a pessoal e 19% a funcionamento.

Assim, em 2011, ano em que ali estagiei, como se poderá verificar nos relatórios acima referidos, o São Luiz Teatro Municipal teve, por um lado, uma quebra de espectadores, embora pouco significativa, e uma redução nos orçamentos das atividades programadas para esse ano, mas, por outro, e devido às opções de gestão atrás mencionadas, uma forte presença na programação anual da cidade de Lisboa, com 333 espetáculos/eventos apresentados a 58.582 espectadores.

¹¹ “A coprodução pressupõe que todos os coprodutores são coproprietários do espetáculo, partilhando custos e ou/proveitos, em percentagem acordadas no acordo de coprodução assinado. (...) Para além do apoio financeiro ou em género, a coprodução assenta num envolvimento das partes desde a fase de planeamento (concepção) do projeto. É mais do que subsidiar ou patrocinar/apoiar mecenaticamente um espetáculo.” (Abreu, *Guia das Artes Visuais e do Espectaculo*, 167).

¹² Acolhimento é tido aqui como uma simples compra de um espetáculo a uma outra estrutura cultural.

¹³ Entende-se por cedência, o aluguer do espaço/sala de espetáculos ou simplesmente a cedência gratuita ou de valor simbólico.

¹⁴ Disponível em <http://www.egeac.pt/application/uploads/files/relatorioecontas.pdf> (acedido a 31 de março de 2012)

Organograma¹⁵

Comparativamente às equipas que integrei em estruturas culturais¹⁶ anteriores, nomeadamente o *Ai! a Dança Atelier*, o *Bica Teatro*, o *Teatro Instável*, entre outros, que não possuíam, para o seu funcionamento, qualquer organograma, o esquema organizacional da equipa do São Luiz assenta numa base organizacional vertical e horizontalmente bem estruturada.

O seu atual esquema foi criado pelos seus antigos diretor artístico e gestor, Jorge Salavisa e Rui Catarino, respetivamente, devido à falta de compartimentação das várias responsabilidades.

Anteriormente ao presente organograma, não existia a Direção de Comunicação. Havia, apenas, uma pessoa responsável por este departamento. Houve, então, a necessidade de criar a direção de comunicação, da qual faria parte, também, a bilheteira, local de contacto direto com o público.

Assim, no topo da pirâmide, encontra-se o Diretor Artístico, papel desempenhado por José Luís Ferreira desde fevereiro de 2011.

Imediatamente a seguir encontra-se Aida Tavares, Gestora e, recentemente, adjunta da Direção Artística.

Ainda na Direção e Gestão Artística, temos Margarida Pacheco, adjunta da gestão, e Olga Santos, secretária da direção.

Dependentes da Direção Artística e da Gestão, encontram-se as Direções de Produção, Técnica e Comunicação e, ainda, a Direção de Cena.

A Direção de Produção é composta por três elementos: Diretora de Produção, Adjunta de Direção e Produtora, respetivamente Tiza Gonçalves, Susana Duarte e Mafalda Sebastião.

¹⁵ anexo 1, página 46

¹⁶ Entende-se, aqui, como “estruturas culturais” todos os agentes que promovam cultura nas suas mais variadas formas jurídica: empresa pública, empresa privada, unipessoal, cooperativa, associação sem fins lucrativos, entre outros.

Quanto à Direção Técnica, direção que, pelas suas características (mais técnicas), como a concretização de desenhos de luz, de desenhos de som e de montagem de cenários, requer um maior número de profissionais, é composto por: Diretor Técnico (Hernani Saúde), dois adjuntos (Sérgio Joaquim e João Nunes), equipa de iluminação (Sérgio Joaquim, Ricardo Joaquim, Carlos Tiago e Ricardo Campos), equipa de som (Nuno Saias, Ricardo Fernandes e Rui Lopes), equipa de maquinaria (João Nunes, Vasco Ferreira, Paulo Mira e António Palma), encarregado geral (Manuel Castiço) e pela secretária de departamento (Sónia Rosa).

A Direção de Comunicação é composta pela diretora Maria Vlachou, pela adjunta Cecília Folgado, pelo frente-de-casa Nuno Santos, por três assistentes de Bilheteira (Hugo Henriques, Cidalina Ramos e Soraia Amarelinho) e por 11 assistentes de sala (contratados a recibos verdes).

A direção de cena, por paradoxal que possa parecer, em termos organizacionais, não é considerada uma Direção e, por isso, não possui a figura de Diretor. Apenas existem três diretores de cena (Maria Távora, José Calixto e Marta Pedroso) e uma assistente de cena (Ana Cristina Lucas)

Por último, encontramos as equipas de segurança e de limpeza, serviços contratados a outras empresas.

Direção de Produção, local de estágio

Conceitos de Produção, Produtor e Produtor Cultural

Será importante, nesta altura, esclarecer alguns conceitos como Produção e as suas respetivas etapas, bem como, as profissões de Produtor e de Produtor Cultural.

Utilizarei, no que se refere ao conceito de Produção, o ponto de vista de Conceição Mendes, no seu livro *Manual de Produção Cultural: algumas reflexões sobre o tema*, em que esta autora, ao declarar que “(...) embora sabendo que não haveria unanimidade na sua configuração conceptual, foi convencionado, por todos os profissionais que trabalham nas artes cénicas, cinema, audiovisual e multimédia, que todo o processo de discussão, realização e concretização de um determinado espectáculo ou produto audiovisual se chamaria produção” (17), ilustra a sua afirmação com declarações de vários autores, a saber, entre outros:

- Patrice Pavis com o seu *Dicionário do Teatro* afirma que o conceito difere de país para país, mencionando os casos brasileiro e inglês em que o primeiro trata a produção como sendo o conjunto dos processos utilizados para a concretização de um espetáculo, e o segundo como uma encenação e respetivo trabalho teatral para a sua concretização;
- Greco Navarro e Teresa Valentín-Gamazo em *Gestión, Producción Y Marketing Teatral*, compreendem produção como um projeto em que criação e montagem de um espetáculo depende da estreita relação entre a equipa artística e a equipa técnica, focando-se a sua coordenação e planeamento apenas num departamento e em quatro etapas: pré-produção, ensaios e realização, estreia e itinerância e, por fim, pós-produção.
- Jesus F. Cimarro em *Producción, Gestión Y Distribución Del Teatro* assegura, igualmente, que produção significa projeto, e que o ato de produzir é o ato de

criar e que essa criação cabe ao que chama produtor – criador, cabendo-lhe a ele a função de definir todos os critérios de produção;

- Carlos Cabral no seu *Manual de Técnicas de Palco*, também entende produção como projeto, acreditando, no entanto, que para que este possa existir, terá de ter um bom suporte financeiro e logístico e que cabe ao produtor resolver todas as suas questões organizativas e de gestão. Estas questões deverão passar por quatro fases: pré-produção, produção, pós-produção e finalização.

Relativamente ao conceito de Produtor, basear-me-ei nas definições três definições do *Guia das Artes do Espetáculo. Teatro, Dança, Música*, da autoria de Miguel Abreu e da equipa que este coordenou: Produtor Executivo, Produtor Delegado e Produtor (1-4).

Para estes autores, designa-se por Produtor Executivo “(...) aquele que assegura e se responsabiliza pela realização de todas as tarefas que constituem o quotidiano de uma produção (...)” (1), nomeadamente contactar todos os elementos integrantes da equipa do respectivo projecto (companhia/artistas, autores/compositores/coreógrafos, técnicos, entre outros colaboradores) no sentido de proceder ao levantamento de todos os seus dados profissionais e fiscais; encontrar local para ensaios ou apresentação; obter licenças e autorizações de direitos de autor; efetuar pagamentos; pesquisar todas as vias possíveis para angariação de mecenato, patrocínio e apoios (financeiros ou logísticos); entre outras tarefas.

Para eles, o Produtor Executivo não é responsável pela gestão financeira do projeto: cumpre as suas funções sob supervisão do Produtor, recebendo pelo seu trabalho um *cachet* (em caso de regime de prestação de serviços) ou um ordenado (em caso de regime de trabalho subordinado).

Miguel Abreu *et al.* defendem, ainda, que:

- O Produtor Delegado é aquele que realiza e gere financeiramente a produção de um ou mais projetos artísticos, mas em nome do seu cliente (entidade ou instituição) - responsável quer pelo financiamento quer pelas decisões tomadas;
- O Produtor é aquele que tem a iniciativa de produzir o espetáculo, assumindo, assim, todos os riscos inerentes, nomeadamente os artísticos e financeiros e que é o responsável por: identificar objetivos e definir estratégias, angariar os meios financeiros necessários à realização dos espetáculos, escolher os locais das respetivas apresentações e definir os *timings* para o plano de comunicação; escolher os projetos artísticos que quer produzir; convidar os artistas com os quais acredita serem os melhores para aquele espetáculo. (Abreu, *Guia das Artes do Espetáculo. Teatro, Dança, Música*, 4).

Para Miguel Abreu *et al.*, numa caracterização geral, o Produtor é sobretudo um gestor e deve ter conhecimentos conceptuais, técnicos e humanos necessários ao desempenho das suas funções.

Conceição Mendes, por sua vez, no que concerne ao conceito de Produtor Cultural¹⁷, afirma que este, para além de ser “ (...) um intermediário cultural, um empreendedor, um coordenador, um gestor de projecto.” é, ainda, “ (...) um agente de mudança social.” porque, “ (...) devido à sua constante mediação entre os campos da cultura e do poder, da produção e da recepção cultural, os produtores culturais são constantemente chamados pelo poder público para intervir na sedimentação das suas políticas locais áreas do desenvolvimento e da cultura” (105).

¹⁷ Mendes, Conceição, *Manual de Produção Cultural: Algumas reflexões sobre o tema*, Lisboa, INATEL, 2007, pp. 101-105

Funcionamento por projeto

Assim, o meu estágio no SLTM, na sequência e de acordo com os conceitos acima referidos, dividiu-se por projetos, nas várias áreas que caracterizam todo o trabalho referente à produção, nomeadamente:

Pré-produção

No início de cada temporada, a direção de produção distribui os diversos projetos artísticos pela respetiva equipa.

A primeira negociação é sempre realizada pela Diretora de Produção, Tiza Gonçalves. É ela o primeiro contacto com a companhia/artista/entidade, depois da aprovação do projeto por parte da Direção Artística e da Gestão do teatro.

Neste primeiro contacto são acordados, entre as partes, os valores de *cachet* e as necessidades técnicas e logísticas (*perdiems*, viagens e alojamento).

Passada esta etapa, os projetos são distribuídos, pela Diretora de Produção, pelas três produtoras.

Apesar de a Direção de Produção estar a cargo de Tiza Gonçalves, ela acumula, igualmente, a função de produtora executiva.

Numa primeira fase, a produtora entra em contacto com a companhia/artista/entidade para dar início a todo o processo de pré-produção: recolha de elementos para fins de elaboração de contrato, recolha de documentação necessária para efeitos de licença de representação e autorização de direitos de autor, marcação de hotel (caso seja necessário), acordo de datas de pagamento, recolha de necessidades técnicas, recolha de plano de trabalhos e recolha de lista de *staff*.

Paralelamente, a produtora é o elo de comunicação entre a entidade acolhida e as restantes Direções do teatro, nomeadamente Direção Técnica e Direção de Cena, promovendo as reuniões necessárias entre as mesmas.

Produção

Na fase de produção, cabe à produtora o acolhimento da companhia/artista/entidade; a verificação se o estacionamento está reservado; a apresentação da companhia às restantes equipas do teatro, nomeadamente às equipas técnica e de direção de cena; a contratação de bombeiros e polícia (caso seja necessário); a gestão de convites da companhia/artista/entidade; o controlo do plano de trabalhos previamente estipulado; a receção de materiais extra São Luiz Teatro Municipal (caso seja necessário); e, o constante acompanhamento e apoio às necessidades diárias da companhia/artista/entidade acolhida.

Pós-produção

Por fim, na fase de pós-produção, procede-se ao encerramento do projeto, com a entrega de materiais extra São Luiz Teatro Municipal (caso seja necessário), o fecho do orçamento e a entrega da Ficha de Contratação Pública.

Durante todo o processo, existem duas reuniões semanais:

- Uma, às terças-feiras, em que todas as direções (gestão, produção, comunicação, técnica e direção artística), representadas, apenas, pela figura do respetivo diretor, discutem e definem detalhes, sobre os projetos da programação a decorrer ou da programação da próxima temporada;

- Outra, na qual os elementos das quatro equipas, incluindo os seus diretores (exceto o diretor artístico e as equipas técnicas de som, luz e maquinaria, que são representadas pelos dois adjuntos Sérgio e João), se reúnem para falar sobre os projetos que estão a decorrer e esclarecerem questões pendentes de todos os departamentos, ficando, assim, todos os elementos a par do que acontece ou está a acontecer em todas as direções (por exemplo: passar para todos os elementos do grupo de trabalho a informação de que em determinado momento diversos materiais serão descarregados ou que, por outro lado ou em simultâneo, os meios de comunicação irão dirigir-se ao teatro para a realização de entrevistas).

Estágio: Projetos produzidos

Ora, estas foram basicamente as funções que desempenhei em cada projeto pelo qual fui responsável pela produção, a saber, nomeadamente:

1. Tarde Mundial do Teatro – A Fábrica da Rua da Alegria – Os Emergentes do Porto?, integrado no *Ciclo de Teatro do Porto – De António Pedro à Fábrica da Rua da Alegria* - 27 de março de 2011.

Descrição do evento: no âmbito das comemorações do Dia Mundial de Teatro, o São Luiz decidiu trazer 10 companhias e apresentar em 8 locais do teatro e áreas circundantes (Entrada Principal / Jardim de inverno / Camarotes / Sala Principal / Sub-Palco / Picadeiro / Travessa dos Teatros) 11 espetáculos de teatro, novo circo e música, das 15h00 horas às 21 horas. (anexo 2, página 48)

Funções desempenhadas: assistência de produção executiva, nomeadamente recolha de documentação para efeitos de licenças de representação (autorizações da

SPA, declarações de cedência de direitos de autor, documentos identificativos), acompanhamento de reuniões de produção e técnicas.

2. O Jogador, de Fiódor Dostoiévski – de 05 a 21 de maio – Produção SLTM

Sinopse: “A história decorre em Roletemburgo, num hotel, na Alemanha, num ambiente de casinos. A nossa inspiração manter-se-á nesse universo e é essa a imagética em que mergulhamos”, dizia o encenador Gonçalo Amorim no início da temporada e antes do trabalho d’ *O Jogador* se começar a precipitar e a concretizar. Este é um espectáculo fruto de um processo longo, pelo qual passaram a adaptação da obra literária do autor russo Fiódor Dostoiévski e um clube de leitura que permitiu alargar o processo além da equipa criativa.

Hoje, volvidos vários meses, Gonçalo Amorim reflete: “Em *O Jogador*, espectáculo em quatro episódios construído a partir do romance de Dostóievski, há um trabalho sobre o tempo: tempo nosso que dividimos a acção do romance em episódios e lhe brincamos com os momentos de aceleração e de suspensão, deixando-nos absorver pela intriga. Tempo das personagens que se encontram em Roletemburgo, espaço aparte do mundo, organizado em torno da vertigem da Roleta. E tempo da Cidade, a quem propusémos um Clube de Leitura que durou vários meses, e a quem agora desafiamos que se organize como melhor lhe convier e participe num espectáculo de teatro em formato blockbuster. (...)”.

E este é também um trabalho sobre o vício, mas não só o vício da roleta e do jogo. O vício formula-se no formato: esta peça de teatro assume o formato ‘série’. São quatro episódios que podem ser vistos em sequência, ou não, só de uma vez ou não.” (anexo 3, página 56)

Encenação | *Gonçalo Amorim*

Funções desempenhadas: assistência de produção – pesquisa e compra de adereços de cena.

3. Vim do Supermercado e dei Porrada ao meu Filho – de 21 a 30 de abril – Coprodução SLTM - Coletivo 84 / Penetrarte

Sinopse: “Rodrigo Garcia (Prémio Europeu de Teatro 2008, na categoria de Novas Realidade Europeias) dá a palavra a uma personagem única, que nos relata um dos seus dias, passado com a sua mulher e o seu filho. Como indica o subtítulo, o herói vai ao supermercado onde adquire uma grande quantidade de coisas inúteis. Descontente, decide descarregar na mulher e no seu filho. Depois toma a decisão de ir jantar fora com a família. É quando ele se põe a reflectir sobre a ordem política mundial, com as relações de força entre diferentes países do mundo, o terrorismo e as questões de género. Este texto, vencedor do Prémio UBU 2004 (Itália), continua perfeitamente actual e é com ele que se apresenta pela primeira vez em Portugal a escrita deste controverso escritor de palco, com um texto dado a conhecer integralmente.” (anexo 4, página 62)

Funções desempenhadas: gestão orçamental (o orçamento inicial é sempre estipulado pela Diretora de Produção e quando o projeto é entregue à produtora, esta tem a função de gerir os valores previamente indicados. Por exemplo: havendo no projeto um determinado valor atribuído a uma rubrica, se esta não for precisa, a verba concedida passa, caso haja necessidade disso, para outra); recolha de documentação necessária para elaboração de contrato, licença de representação e direitos de autor; recolha de raiders técnicos; elo de comunicação entre companhia e a equipa técnica e de direção de cena do teatro; logística (alojamento de músico); marcação de convites da

companhia convidada; coordenação de entrega e recolha de cenário e adereços de cena; pós-produção (pagamento e encerramento de orçamento).

4. Luís Madureira Canta Friedrich Hollaender - 13 e 14 maio – Acolhimento

Sinopse: “Luís Madureira tem regularmente cultivado géneros que, para além de derivações mais ou menos ligeiras da música clássica ou erudita, incluem ainda, especificamente, a canção ligeira e de variedades, o music-hall e o cabaret, quer francês quer alemão. A sua intenção de dedicar um recital a composições de Friedrich Holländer insere-se, de maneira lógica e praticamente natural, nesta linha de interesses.

Friedrich Hollaender começou a sua carreira musical como maestro assistente na Ópera de Praga. Cedo começou, contudo, a escrever música ligeira. A sua fama deve-se, principalmente, às canções que compôs para o cabaret e para o cinema, quer na Alemanha – o Anjo Azul, de Sternberg, tem música sua – quer nos EUA, para onde se retirou antes da segunda guerra mundial. Entre os muitos artistas famosos que interpretaram a sua música, foi Marlene Dietrich quem mais de perto ficou associada, internacionalmente, ao seu nome.” (anexo 5, página 64)

Funções desempenhadas: gestão orçamental; recolha de documentação necessária para elaboração de contrato, licença de representação e direitos de autor; recolha de raiders técnicos; elo de comunicação entre companhia e as equipas técnica e de direção de cena do teatro; logística; marcação de convites da companhia convidada; coordenação de entrega e recolha de cenário e adereços de cena; pós-produção (pagamento e encerramento de orçamento).

5. Novos x 9 – 16 a 29 de maio – Coprodução SLTM

Sinopse: “A aposta nos novos, sejam novos em idade, sejam novos a experimentar, tem sido estruturante no trabalho desenvolvido pelo São Luiz ao longo dos últimos nove anos. Nesta temporada voltamos a apresentar alguns dos projectos mais maduros par a par novas iniciativas que se esperam alicerçar. Em comum a oportunidade de promover o contacto dos alunos com os circuitos de apresentação, dando também a conhecer os novos valores da criação e interpretação. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido em parceria e com a colaboração de várias entidades.”

Peças frescas - novos compositores

“Um projecto que dá a conhecer as criações dos alunos de Composição da Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), interpretadas pelos alunos das classes de instrumento. As peças criadas ao longo do ano lectivo, com apoio dos docentes, ganham no palco a forma de concerto. A coordenação é de Luís Tinoco.” (anexo 6, página 66)

Concertos do conservatório nacional

“Numa acção que se repete, a Escola de Música do Conservatório Nacional apresenta várias formações de alunos, de várias classes e níveis de aprendizagem, num projecto que pretende abrir ao público o trabalho que a escola desenvolve. Este ano a Escola apresenta as orquestras de sopros (18/5), os coros (19/5) e a sua orquestra sinfónica (29/5).” (anexo 6, página 68)

Academia de amadores de música

“Pela primeira vez, o ciclo Novos x9 integra um concerto da Academia de Amadores de Música. Contaremos com a participação de Coro dos Pequenos Cantores, Classe de Ópera, Coro de Câmara e Coro C, Ensemble Ad Hoc, Trio, Chiado Ensemble e Orquestra.” (anexo 6, página 70)

9º Festival da Escola Superior de Música de Lisboa no São Luiz

“Apresentação de formações de alunos de várias classes da Escola Superior de Música de Lisboa. O programa deste ano inclui concertos de música de câmara (24/5), piano e canto (25/5) e um concerto da *MusArt Camerata* (26/5). O último dia será dedicado ao jazz (27/5).” (anexo 6, página 71)

Funções desempenhadas: gestão orçamental; recolha de documentação necessária para obtenção das respetivas licenças de representação e autorizações de direitos de autor; recolha de *raid*ers técnicos; elo de comunicação entre companhia e a equipa técnica e de direção de cena do teatro; coordenação de entrega e recolha de instrumentos; pós-produção (pagamento e encerramento de orçamento).

Uma forma de trabalhar completamente diferente daquela a que estava habituada.

Capítulo II

Estruturas Culturais privadas

Vo'Arte

A primeira estrutura cultural que integrei foi a Vo'Arte, uma associação cultural sem fins lucrativos¹⁸, que apesar de ser uma estrutura privada, recebia, e ainda recebe, apoio (apoio quadrienal) da Direção Geral da Arte (DGA).

Já Baumol¹⁹, em 1966, na sua obra *Performing Arts: The Economic Dilemma* se referia a esta questão dizendo que as receitas diretas provenientes dos espetáculos de teatro eram insuficientes para compensarem os custos da sua produção.

A provar o que acima foi referido, e para que o apoio do agora extinto Ministério da Cultura se justificasse, a sobrevivência e realização dos projetos artísticos da Vo'Arte passava, também, e ainda, pela procura de patrocínios, apoios e mecenas.

Um dos principais projetos da Vo'Arte era o *Lugar à Dança – Festival Internacional de Dança em Paisagens Artísticas*, um festival de rua, gratuito, composto por pequenos espetáculos de dança e de animação de rua, comprovando, assim, de forma clara e inequívoca, que grande parte dos projetos artísticos criados por estas pequenas estruturas culturais, jamais sobreviveriam, se não houvesse, da parte do poder central, autárquico e de outras instituições, nomeadamente, entre outras, de diversas embaixadas (grande parte da programação deste festival era composta por espetáculos

¹⁸ “A associação também é uma pessoa colectiva. Na base da sua constituição está a motivação altruísta dos seus membros, que se proõe desenvolver uma determinada actividade, de uma forma não lucrativa, em benefício de um determinado interesse geral, como, por exemplo, o desenvolvimento do teatro ou da dança, (...). O facto de uma associação não ter fins lucrativos não a impede de procurar gerar ganhos no exercício da sua actividade, só que estes não podem ser o seu objectivo principal, nem podem, em caso algum, ser distribuídos pelos associados, revertendo sempre a favor da associação. As associações constituem-se com um mínimo de três pessoas. (...) Os órgãos de uma associação são: a assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal.” (Abreu, 2006, 88).

¹⁹ Baumol, W.J, e Bowen, W.G. (1966), *Performing Arts: the Economic Dilemma*, Nova Iorque, 20th Century Fund.

produzidos por companhias estrangeiras), um forte investimento através de financiamentos vários, patrocínios e apoio logístico.

Observemos que Vera Borges, na sua obra *O Mundo do Teatro em Portugal*, citando Xavier Greffe²⁰, refere que a dificuldade dos pequenos grupos de teatro se autossustentarem faz com que os mesmos, não perdendo, no entanto, a qualidade artística dos seus projetos, façam um “(...) apelo constante (...) à subvenção estatal, ao apoio das edilidades locais, às parcerias entre as diversas instituições (...)” (173).

Comecei a colaborar com a Vo'Arte como estagiária de produção (para obtenção de grau de Licenciatura em Dança) mas fui, ao longo de dois anos, adquirindo experiência nas lides da produção e alargando o âmbito das minhas funções, tendo chegado a assistente de programação do *Festival Lugar à Dança*, cargo esse que assumi em simultâneo com o de produtora.

Foram dois anos de grande aprendizagem e de crescimento profissional e, de um modo geral, as minhas funções passaram por:

- Contacto direto com Câmaras Municipais, Embaixadas e Institutos Culturais;
- Negociação de patrocínios; intermediação entre as companhias artísticas e a Associação (contratação, recolha de toda a informação técnica e logística, recolha de informação necessária para a comunicação/divulgação);
- Programação, quer para espaços convencionais, quer para espaços não convencionais;
- Secretariado;

²⁰ A autora referencia aqui Greffe, Xavier (1985), *Le pot de terre et le pot de fer*, in A. Girard (dir.), *L'Économie du spectacle vivant et l'audiovisuel*, Paris, La Documentation Française, pp. 17-33.

- Resolução de todas as questões logísticas adjacentes a qualquer evento cultural (viagens, alimentação, estadia, etc.).

Para além disto, a Vo'Arte proporcionou-me a oportunidade de participar em diversos encontros internacionais, como sua representante, os quais me deram a oportunidade de contactar com Associações, Teatros, Companhias e Artistas das mais diversas áreas artísticas e mundiais.

Teatro Instável

No Teatro Instável, uma Empresa Unipessoal²¹ dirigida por André Gago e apenas composta pelo director e por mim, fiz produção; secretariado; assistência de assessoria de imprensa com envio de *teasers* e *press releases* para os diversos meios de comunicação; e, direção de cena, em que assumi era a responsável pelas ações em cena, pela distribuição dos camarins e pelo guarda-roupa. Paralelamente, fui assistente de programação das atividades do *Espaço Instável*, espaço cultural do *Teatro Instável*.

Bica Teatro

No Bica Teatro, uma Associação Cultural sem fins lucrativos, trabalhei na área de produção e distribuição de espetáculos de teatro infantil, área de trabalho que, para mim, se enquadra nas atribuições da produção.

O Bica Teatro era composto, na altura, por um diretor artístico (Paulo Patraquim), por três produtoras, por dois atores residentes e uma figurinista/cenógrafa. Pelo pelo menos uma vez por semana, uma das produtoras e o diretor artístico, deslocavam-se a um determinado concelho, por exemplo Santarém, e realizavam reuniões nas quais apresentavam os projectos em carteira a todas as entidades ligadas à

²¹ “(...) empresas em nome individual, onde o responsável toma as decisões e assume os riscos. A propriedade e o controlo reúnem-se num único indivíduo, que, por isso, tem incentivos fortes para gerir de forma eficiente a empresa. Não tem necessidade de consultar outros colegas para tomar decisões.” (Borges, 2007:132).

cultura, como Bibliotecas, Associações de promoção cultural, departamentos de culturas das respetivas Câmaras Municipais.

Artelier? Cia. Artes de Animação e do Teatro de Rua

A Artelier? Cia. Artes de Animação e do Teatro de Rua, também uma Associação Cultural sem fins lucrativos, era composta por um director artístico, uma diretora de produção, uma produtora (eu), um técnico de cenografia e um técnico de luz/som/palco. Para além de trabalho de produção, mais especificamente de assistente de produção (procura de apoios) e de assessoria de imprensa (contactos diretos com a imprensa, envio de *press releases* e *clipping*), acompanhei a companhia, como assistente de direção de cena, durante os seus espetáculos.

Ai! a Dança

No Ai! a Dança, uma empresa cultural²², integrei a equipa direcção de produção das Companhias Cuadro Flamenco (Dança Espanhola) e Companhia de Dança Contemporânea de Sintra (que é, paralelamente, uma Associação Cultural sem fins lucrativos), bem como, das quatro academias de dança por esta integradas. Aqui trabalhei como produtora executiva, assumindo, também, a responsabilidade pela distribuição dos espetáculos, angariação de apoios e de patrocínios.

Inicialmente o Ai! a Dança era composto pela directora artística e por duas produtoras. Posteriormente, ficaram apenas a diretora artística e eu, e, por curtos períodos, estagiárias integradas nos estágios profissionais do IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional).

²² Entende-se aqui, como empresa municipal, pessoa jurídica com actividade particular que produz bens e serviços no âmbito cultural. Contrariamente às associações sem fins lucrativos, uma empresa cultural visa o lucro.

Paralelamente ao trabalho de produção, coordenei e orientei, conjuntamente com a direção artística, três edições de *Semana com Arte*, programa educativo de ensino artístico, essencialmente ligado à área da dança. Realizei, igualmente, trabalho na área da comunicação e de assessoria de imprensa.

Funcionamento das Estruturas Culturais Privadas

Em todas as estruturas onde trabalhei, o esquema organizacional era, basicamente, criado e sustentado pelo Diretor (tido aqui como responsável pela gestão global da estrutura), que assumia, para além da direção artística, a gestão, a produção, a comunicação e a interpretação dos vários projetos.

Veja-se que Rui Telmo Gomes e Teresa Duarte Martinho, em *Trabalho e Qualificação nas Actividades Culturais. Um panorama em vários domínios*, afirmam que, especificamente no teatro, predominam organizações compostas por pequenas equipas.

“(...) traduzidas principalmente no incremento de organizações flexíveis, com elencos fixos muito reduzidos ou mesmo inexistentes (...)” e que “ (...) os benefícios desta tendência consistem fundamentalmente, para os empregadores, na diminuição de custos com encargos fixos (...)” (2009: 110 e 111)

Vera Borges, por sua vez, na sua tese de doutoramento *O Mundo do Teatro em Portugal* conclui que “(...) a multidimensionalidade das tarefas desenvolvidas pelos responsáveis dos grupos de teatro é uma realidade no mundo do teatro português” (138) e, subdividindo-as em três espécies, refere-se a elas da seguinte forma:

- “(...) [1] ... *expertise* artística, pois, na maior parte dos grupos de teatro, o responsável é actor e encenador;

- [2] ... competência de gestão, que supõe o desenvolvimento de um forte sentido de responsabilidade económica e do tempo de que o grupo de teatro dispõe para realizar um projecto;
- [3] ... competência como organizador da programação, gestor de recursos humanos e árbitro de conflitos no interior dos grupos de teatro.” (Borges, 2007: 138).

Apesar deste estudo se focar apenas nos grupos de teatro, na minha opinião, as suas conclusões, podem enquadrar-se aos grupos de dança, dadas as suas semelhanças em termos organizacionais.

Para além da figura do diretor, estas estruturas privadas integravam entre uma a três pessoas na produção, que, por sua vez, executavam também, a parte da comunicação, venda e direção de cena dos projectos. “(...) a predominância, no sector privado e no terceiro sector, de micro e muito pequenas estruturas no domínio das artes performativas (...)” (Gomes e Martinho, 2009: 110)

Se por um lado, este tipo de estruturas privadas nos dá uma maior liberdade de ação, pois as decisões são maioritariamente tomadas por nós. Como as equipas são muito pequenas, não existe uma grande interdependência. Enquanto nas estruturas públicas existem determinados protocolos e regras pré-estabelecidas, nas estruturas privadas não existem estas regras bem definidas, as linhas de decisão são muitas vezes incertas e isso dá-nos maior liberdade de decisão. Por outro, são muito limitadoras na sua concretização, precisamente pelos poucos recursos disponíveis, sendo, muitas vezes, impossível tomar determinada ação pela inexistência de meios.

Enquanto no São Luiz existem quatro direções, ou seja, no mínimo quatro pessoas a trabalhar num só projeto (para o gerir, para o produzir, para o comunicar, para o

executar tecnicamente e o apoiar cenicamente), quando se trabalha numa estrutura pequena só existem, conforme exposto, duas pessoas a trabalharem nesse projeto.

Ao trabalhar numa equipa maior, a nossa liberdade de ação é menor, por já estar previamente estabelecido que determinado departamento é o único responsável por aquele “assunto”. É claro que há comunicação entre as direções, mas existem limites invisíveis os quais não podemos ultrapassar.

Exemplo concreto: a produtora do projeto é responsável por tratar dos convites da companhia/artista/entidade acolhida e o departamento de comunicação é responsável pelos convites do teatro e da sua respetiva equipa. Por vezes, esta questão gerava algum conflito, pois quando um colega do SLTM me pedia convites porque era a produtora do espetáculo, eu não os podia reservar porque estava fora da minha competência.

Numa estrutura privada como as que referi, para além de só existirem duas pessoas, uma delas assume várias funções, e por isso, é-lhe dada liberdade para resolver todas as questões que aparecem e que obrigatoriamente têm de ser resolvidas porque não há mais ninguém para o fazer.

Mas se por um lado este aspeto é positivo, por outro pode ser bastante frustrante porque há questões que, de modo algum, podemos ser nós a decidir (como por exemplo, questões orçamentais), tendo que aguardar pela decisão, muitas vezes demorada, do “diretor”.

Essa era, de facto, a grande falha em todas as companhias que trabalhei: o desconhecimento do orçamento real do projeto.

Houve, muitas vezes, situações em que perguntava qual seria o orçamento do projeto para determinada entidade e numa rápida conta de cabeça alguém, dessa entidade, dizia-me: “Pede xxx!. O que é que achas?”.

Também, por parte destas pequenas estruturas, há um grande desconhecimento, das leis e dos cumprimentos legais (como por exemplo, questões de segurança, de público, entre outras).

Outra grande diferença é a falta de segurança financeira que estas estruturas pequenas proporcionam aos seus colaboradores: 99% das vezes a recibos verdes, com “ordenados” muito abaixo da tabela.

“De notar a precariedade e as lógicas flexíveis tendem a caracterizar as atividades de natureza mais vincadamente artística, por um lado, e os contextos de trabalho inscritos no sector privado e no terceiro sector (empresas, associações, cooperativas) por outro. Particularmente ilustrativo desta configuração é o trabalho nas artes performativas uma vez que a situação dos trabalhadores nestes domínios insere-se num “regime de trabalho hiperflexível” já que artistas e técnicos ligados ao sector do espectáculo trabalham durante períodos de curta duração, mostrando-se disponíveis e assegurando a flexibilidade da produção artística (Menger, 1997)²³.” (Gomes e Martinho, 2009:108)

Cheguei muitas vezes a ganhar valores mensais de 250/300 euros. Na altura, aceitava porque queria manter-me a trabalhar na minha área profissional. O máximo, que realmente auferi foram 700 euros, é claro, sempre a recibos verdes. Havia outras estruturas que nem sequer pediam recibos verdes, mas também dinheiro para combustíveis ou parqueamentos não havia. Neste aspeto, a minha experiência foi sempre muito infeliz. Apesar de gostar muito do que fazia, sempre senti que não havia um justo reconhecimento do meu trabalho por parte das direções. Houve até uma situação caricata: eu era a “orientadora” de estagiários do IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional), que ganhavam cerca de trezentos euros mais do que eu!

²³ Os autores referenciam Pierre-Mitchel Menger (1997), *La Profession de Comédien*, Paris, La Documentation Française.

No São Luiz a situação foi completamente diferente, pela primeira vez na minha vida tive um ordenado justo, com direito a subsídio de almoço e horas extra, caso as fizesse. Fui de férias sem ter que “pagar” para ir de férias. No final do ano recebi os subsídios a que tinha direito. Se me deslocasse a algum lado com o meu carro, o SLTM pagava-me os quilómetros que fazia. Portanto, neste aspeto, passei de uma situação de enorme precariedade para uma realidade em que as situações nas quais a produção estava envolvida eram antecipadamente previstas e, sendo caso disso, devidamente orçamentadas.

A corroborar este tema, citarei Gomes e Martinho na sua obra *OBS Pesquisas – Trabalho e Qualificação nas Actividades Culturais. Um panorama em vários domínios*.

“(…) a maior parte das pessoas ao serviço nas estruturas do sector privado e do terceiro sector desenvolve actividade principalmente na modalidade de prestação de serviços/avença (...). Já nas estruturas de criação e produção da Administração Central predomina a situação simétrica, quebrando-se apenas neste sector a regra do trabalho ocasional e intermitente: 90% dos trabalhadores têm contrato individual de trabalho.”
(110).

Conclusão

Com este trabalho pretendi, inicialmente, relatar todo o período de estágio realizado de fevereiro a maio de 2011, no São Luiz Teatro Municipal, equipamento cultural sob gestão de EGEAC, E.E.M.

Posteriormente, caracterizei todo o contexto cultural no qual o estágio se realizou, de uma forma mais genérica a cidade de Lisboa e, em particular a EGEAC, E.E.M. e o São Luiz Teatro Municipal.

Tornou-se essencial, para mim, refletir sobre as duas realidades nas quais trabalhei: estruturas privadas e estruturas públicas. Assim, caracterizei quer uma quer outra, mostrando igualmente o meu percurso em ambas.

Posso afirmar que, embora tendo feito, pessoalmente, a minha escolha, não pretendo, com isto, dizer, que a minha perspetiva seja a mais correta.

Talvez se tenha depreendido, ou talvez não, que gostaria muito de continuar a trabalhar numa estrutura pública. Estou num momento da minha vida pessoal e profissional, que preciso de mais segurança e estabilidade profissional. E isso, o São Luiz deu-me. Deu-me a conhecer todos os procedimentos legais que não conhecia até então, porque, de certa forma, existe um desleixe nas estruturas privadas no que diz respeito a todas as burocracias inerentes à produção de um espectáculo. Deu-me a conhecer outras áreas artísticas para além da dança e do teatro. Valorizou-me quer a nível profissional quer a nível pessoal. Não senti uma constante frustração, porque o meu esforço era valorizado. E acima de tudo não precisei de pagar para trabalhar, fui compensada a nível financeiro de forma justa.

Contudo, o facto de ter iniciado a minha carreira numa estrutura privada, de ter começado em estruturas pequenas que dependiam de entidades externas ou de venda

direta dos seus produtos culturais, mostrou-me a face menos idílica do mundo do espetáculo e a realidade “nua e crua”, que nem tudo é maravilhoso e cheio de *glamour*.

Compostas por pequenas equipas, por norma entre um a três elementos, as estruturas culturais privadas dependem, essencialmente, da venda direta dos seus espetáculos e de apoios estatais. Cada elemento assume várias funções dentro da estrutura, podendo a mesma pessoa desempenhar funções criativas, técnicas e executivas. Tal como, Vera Borges afirma na sua tese de doutoramento *O Mundo do Teatro em Portugal*, existe uma “multidimensionalidade das tarefas desenvolvidas” que dividem em três competências: a artística, o diretor artístico é ao mesmo tempo encenador, ator, criador do desenho de luz; a de gestão, não em termos económicos, mas também de tempo de trabalho e de recursos humanos; e por fim, a de organização da programação da estrutura.

Contrariamente, nas estruturas públicas, cada pessoa desempenha apenas uma função. No meu caso específico, estando a trabalhar na direção de produção, o meu papel era apenas de produtora, não me competia a mim, por exemplo, a recolha de materiais para divulgação ou a distribuição de camarins. Existe um esquema organizacional bem definido, com os limites de ações estabelecidos.

Outro aspeto que diferencia as duas realidades, relaciona-se com os meios disponíveis, quer financeiros quer técnicos e logísticos. Por norma, nas estruturas privadas, os recursos financeiros são sempre escassos, com contratos verbais e a recibos verdes, ou seja, sem direito a subsídios de alimentação, férias e de natal. Os valores praticados são, igualmente, abaixo da tabela. Já nas estruturas públicas, existem contratos de trabalho, com todas as regalias de um contrato firmado e que, por norma, respeitam os valores de tabela.

É bastante complicado viver na incerteza das estruturas privadas; na incerteza de haver compradores para os seus espetáculos; na incerteza de conseguir apoios estatais, na incerteza de angariar patrocinadores ou meros apoios; na incerteza de haver criativos ou performers disponíveis, pois estes podem já estar comprometidos com outros projetos; na incerteza de que a própria estrutura possa continua a funcionar.

O que mais falta senti, foi de um certo companheirismo e espírito de interajuda que só pode existir em equipas pequenas, onde há uma maior versatilidade e disponibilidade. No São Luiz existia, claramente, um companheirismo e um espírito colaborativo, mas que pela sua especificidade estrutural era diferente, deixando, contudo, saudades.

Referências Bibliográficas

ABREU, Miguel (Coordenação), et al. *Guia das Artes do Espectáculo. Teatro, Dança, Música*. Lisboa: IPAE, 1999.

_____ *Guia das Artes Visuais e do Espectáculo – GAVE 2006*. Lisboa: Cassez – Teatro Total, 2006.

BORDIEU, Pierre. *Distinction – A Social Critique of the Judgement of Taste*. Londres: Routledge, 2003.

BORGES, Vera. *O Mundo do Teatro em Portugal*. Lisboa: Imprensa Ciências Sociais, 2007.

COSTA, Pedro (Coordenação), e tal. *Estratégias para a Cultura em Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro da Cultura, 2006.

COSTA, Pedro. *As Indústrias Culturais e Criativas: Novos Desafios para as Políticas Municipais*. Coleção Públicos-Setepés, 2007.

DOURADO, André e Tiago Bartolomeu Costa. *Entrevista EGEAC: Miguel Honrado*. OBSCENA-Revista de Artes Performativas, número 10, 2008.

FOLGADO, Cecília. *As Empresas Municipais como instrumentos de Gestão Cultural nas cidades de Portugal*. Revista Autor, 2008.

GOMES, Rui Telmo, Teresa Duarte Martinho. *OBS Pesquisas – Trabalho e Qualificação nas Actividades Culturais. Um panorama em vários domínios*. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais, 2009.

LIMA, Augusto Mesquitela, Benedito Martinez, João Lopes. *Introdução à Antropologia Cultural*. Editorial Presença: Lisboa, 1991.

MENDES, Conceição. *Manual de Produção Cultural: algumas reflexões sobre o tema*. Inatel: Lisboa, 2007.

PIRES, Maria Laura Bettencourt. *Teorias da Cultura*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2006.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima, e José Machado Pais. *Novos Trilhos Culturais: Práticas e Políticas*. Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

SARAIVA, António José. *O Que é Cultura*. Difusão Cultural: Lisboa, 1993.

SOLMER, António. *Manual de Teatro*. Lisboa: Cadernos ContraCena, 1999.

VILLAR, Alberto. *Manual de Equipamentos e Materiais de Espectáculo*. Inatel, 2011.

Vários. *In from the margins. A contribution to the debate on Culture and Development in Europe*. Council of Europe: 1997.

<http://www.egeac.pt/presentation.php>. EGEAC. *n.d.* Segunda-feira. 19 de setembro. 2011.

<http://www.egeac.pt/application/uploads/files/relatorioecontas.pdf>. EGEAC. *n.d.* Segunda-feira. 19 de setembro. 2011.

<http://www.egeac.pt/application/uploads/files/relatorioecontas.pdf>. EGEAC. *n.d.* Sábado. 31 de março. 2012.

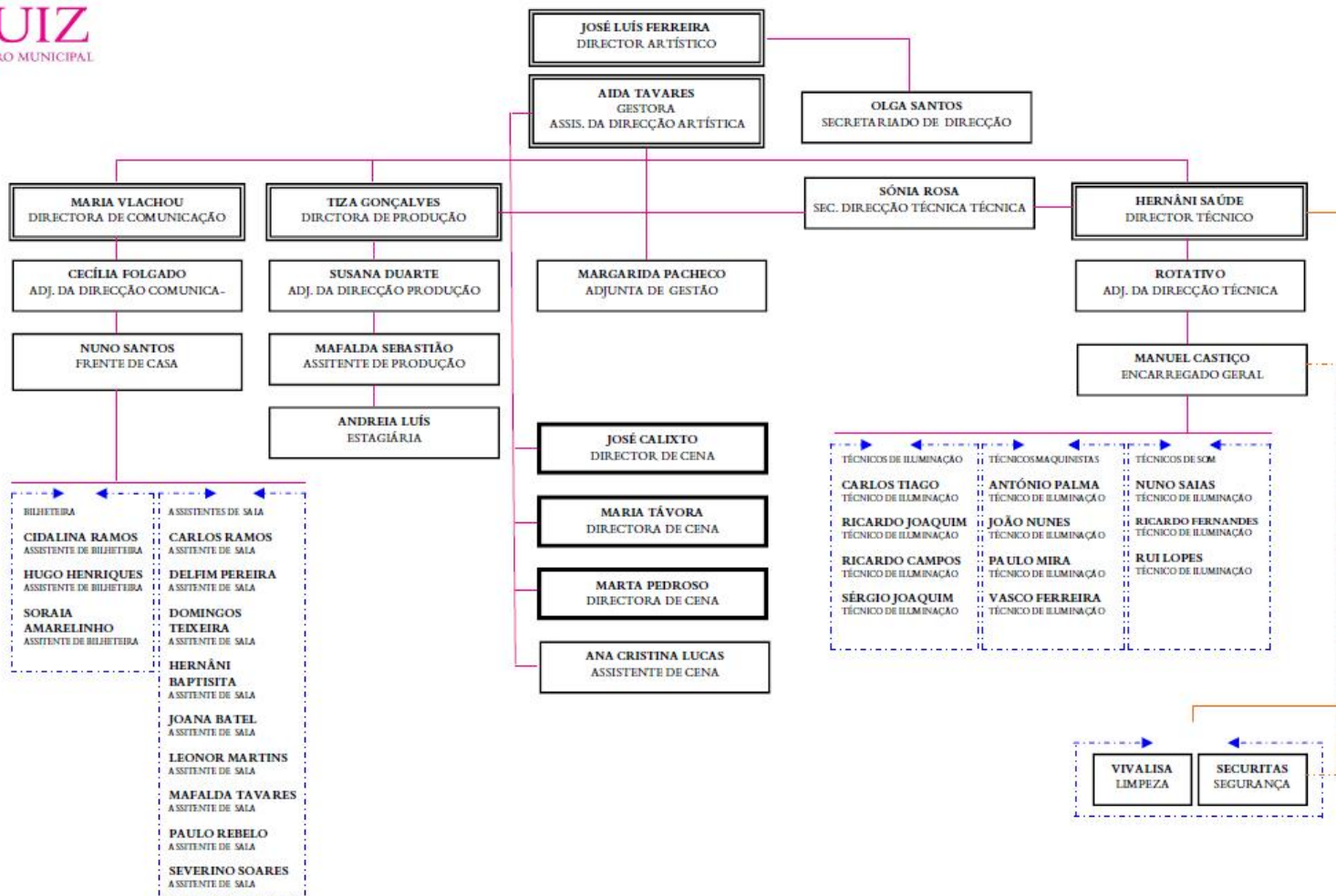
http://www.anmp.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=141&Itemid=12
1. Associação Nacional de Municípios Portugueses. *n.d.* Quinta-feira. 26 de janeiro. 2012.

<http://www.anmp.pt/anmp/age/conf/2007/cc/doc/iccnm.pdf>. Associação Nacional de Municípios Portugueses. *n.d.* Quinta-feira. 26 de janeiro. 2012.

<http://gestaoemcultura.blogspot.com/2009/04/conceito-de-gestao-cultural.html>. Gestão Cultural. *n.d.* Terça-feira. 06 de março. 2012.

ANEXOS

ANEXO 1



ANEXO 2

19 E 20 MAR
**MÃO
NA BOCA**
DE JOANA PROVIDÊNCIA
**TEATRO
DO BOLHÃO**
SÁBADO ÀS 21H00; DOMINGO ÀS 17H30
SALA PRINCIPAL M/12
DURAÇÃO 50 MIN

*Espectáculo dedicado a Paula Castro
(1969 – 2007)*

*Direção Joana Providência Assistência de direção
Paula Castro Figorinos Rute Moreira, Lola Sousa
Desenho de luz José Carlos Gomes Sonoplastia
Luís Aloy Produção Pedro Aparício, Glória Cheio
Co-produção Fundação de Serralves Interpretação
Anabela Sousa, António Júlio, Vera Santos*

*Teatro do Bolhão é uma estrutura apoiada pelo
Ministério da Cultura / DgArts.*

*Mão na Boca nasce do desafio lançado pelo Museu de Serralves à coreógrafa e membro da direcção artística da companhia, Joana Providência, no âmbito da Exposição Retrospectiva de Paula Rego, em 2004. Para Joana Providência a criação de *Mão na Boca* “desenvolveu-se num duplo sentido: por um lado, constituíram-se como impulsos geradores do processo as gravuras, os desenhos e as pinturas de Paula Rego e os universos de conto/fábula/romance que são a sua moldura, por outro lado, configuraram-se como *motés* do trabalho as marcas escondidas, ou menos legíveis, de uma memória: os seus medos, os seus sons, o seu imaginário”.*

Em 2003, sob a direcção artística de António Capelo, João Paulo Costa, Joana Providência e Pedro Aparício, um grupo de 11 profissionais com percursos relevantes nas várias áreas da criação teatral e com uma complexidade artística e ética forjada ao longo de 13 anos de dinamização da ACE/ Escola Profissional, fundou a ACE/ Teatro do Bolhão, estrutura de produção. Promovendo um modelo de produção estético, a companhia configura-se como um espaço de criação teatral diferenciado, artístico, programático e tecnicamente consolidado, capaz de responder à multiplicidade de possibilidades de criação e com ressonância pública concreta. A companhia tem apresentado regularmente os seus trabalhos em Lisboa, nomeadamente, no Teatro Nacional D. Maria II, no Teatro Maria Matos, no Teatro da Trindade, na Culturgest e na Fundação Calouste Gulbenkian.

27 Mar
*Tarde Mundial do Teatro
Os públicos de Lisboa
e do Porto encontram-se
no São Luiz.*

27 MAR
TARDE
MUNDIAL
DO TEATRO
A FÁBRICA
DA RUA DA
ALEGRIA – OS
EMERGENTES
DO PORTO?
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
TEATRO DE FERRO
DOMINGO DAS 16H00 ÀS 20H00

Uma antiga fábrica (sita na Rua da Alegria logo abaixo da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo) tornou-se uma incubadora não oficial de novos projectos teatrais que agora vêm ocupar o Teatro São Luiz numa festa performativa cheia de surpresas – serão estes os emergentes do Porto?

O PÚBLICO
VAI AO TEATRO
TEATRO MEIA
VOLTA E DEPOIS
A ESQUERDA
QUANDO
EU DISSER

LARGO E FOYER DE ENTRADA 15H30
M/3

*Concepção e Direção Alfredo Martinez, Sílvia Silva
Vídeo a designar Sociólogo/Mediador a designar
Produção Executiva Meninos Exemplares Performers
50 habitantes do Porto*

Um ciclo dedicado à produção teatral do Porto em jeito de retrato de família no teatro da capital. Incontornável na definição dos limites da criação e na contextualização dos movimentos artísticos, o público merece a nossa atenção. E se os artistas do Porto vão à capital, porque não ir também o seu primeiro público – conterrâneo e contextual –, se é de traçar um perfil da criação teatral destas Terras de Aquém-Douro que estamos a falar? Dia 27 de Março de 2011, chega às portas do Teatro São Luiz um autocarro cheio de público do Porto para ver o que pelo Porto se faz e para que o público de Lisboa veja quem pelo Porto vê. Mas será que vê? Se não viu, vai ver. E quem quiser, pode levar farnel.

O teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser procura pensar sobre o mundo que nos rodeia e a complexidade da vida contemporânea, criando espaços de organização das nossas percepções e vivências. Neste momento, interessa-se particularmente pelo tema da urbanidade, compreendido no seu espectro máximo – território, população, organização dos objectos físicos e relações entre os agentes sociais. Muitos dos seus projectos partem do reconhecimento e da experimentação radical do lugar urbano e da heterogeneidade que o caracteriza. Trata-se de perseguir uma linguagem plástica que possa traduzir uma visão sensível do mundo e das pessoas.

TEATRO DO FRIO

Chegámos a convite e assentámos estendais, do Chiado ao São Luiz. Redimensionámos criações próprias às características dos espaços e de um ciclo. Sejam bem-vindos à nossa kitchenet.

O Teatro do Frio é um colectivo de criação e pesquisa teatral oficialmente constituído em 2005. Artisticamente privilegia a criação de espectáculos teatrais através de processos de devising, daí resultando uma produção de textos originais em que a palavra surge como inevitabilidade dramática em estrita relação com o corpo e a acção. Privilegia igualmente o cruzamento entre criadores e práticas de diferentes naturezas artísticas, buscando uma maior pluralidade do discurso e acção artísticas. Ao longo dos seus 5 anos de existência, o Teatro do Frio concebeu e produziu 15 criações, em cooperação com diferentes parceiros e em formatos de apresentação distintos. Em 2011 estreará duas novas produções: Marquise e Cruzadas.

DEAMBULAÇÃO (DE UTOPOLIS)

CHIADO
15H30
M/6
DURAÇÃO 20 MIN

Eles chegam vindos de outras rotinas em busca de novas perspectivas para os enquadramentos de sempre.

Direção artística Rosário Costa Assistência Catarina Lacerda Objectos cénicos Ana Gorniche, Daniel Teixeira Figurinos Inês Mariana Moitas Produção executiva Sílvia Carvalho Produção Teatro do Frio Interpretação António Júlio, Bárbara Andrez (em substituição de Susana Madeira), Filipe Caco, Freddy Trinidad, Rodrigo Malvar, Sara Pereira

SILÊNCIO (DE DIZ QUE DIZ)

SALA PRINCIPAL
16H30 / 17H00 / 17H30
M/6
DURAÇÃO 10 MIN

Em Diz que Diz tomámos um poema e cantámos uma cena. Agora transbordamos essa cena numa atmosfera polifónica a algumas vozes e muitos lençóis.

Texto Adaptação dramática do poema Silêncio de António Tornado Adaptação dramática e Criação Catarina Lacerda, Rodrigo Malvar, Rosário Costa Criação e Execução plástica Teatro do Frio, Sofia Pereira Desenho de luz José Nuno Lima Produção executiva Sílvia Carvalho Produção Teatro do Frio Interpretação António Júlio, Bárbara Andrez, Filipe Caco, Freddy Trinidad, Rodrigo Malvar, Rosário Costa, Sara Pereira

CENA 10 (DE S.Ó.S.)

SALA PRINCIPAL
18H30 M/12
DURAÇÃO 10 MIN

Da fragmentação de S.Ó.S. tomámos três cenas em linha de montagem. Ascensão e queda. Abel e Caím. Raquel e Rodolfo. À velocidade da luz.

Direção artística Rosário Costa Texto original Catarina Lacerda, Rodrigo Malvar, Rosário Costa Desenho de luz José Nuno Lima Música original Sousa Sound Sistema Elementos cenográficos, Adereços e Figurinos Teatro do Frio Produção executiva Sílvia Carvalho Produção Teatro do Frio Interpretação Catarina Lacerda, Rodrigo Malvar

DIMAS E GESTAS
UM ESPECTÁCULO
DE CAFÉ-TEATRO
PARA CRUCIFICADOS
PALMILHA
DENTADA
JARDIM DE INVERNO
DAS 16H00 ÀS 20H00
M/16

Texto e Encenação Ricardo Alves Direção plástica Sandra Neves Direção musical Rodrigo Santos Produção executiva Adelaide Barreiros Interpretação Ivo Bastos, Rodrigo Santos

Dimas, o bom, e Gestas, o mau ladrão, aguardam a chegada de um terceiro elemento que se adivinha que virá pois há uma cruz livre entre as cruzeiras onde os dois estão crucificados. Enquanto aguardam as personagens vagueiam pelas memórias da sua vida, pelas opções que tomaram e pelas oportunidades que perderam. Quando as personagens se cansam desaparecem, até porque é quase imoral pedir a actores que aguentem 4 horas crucificados. Nesses momentos os dois actores descansam, aproveitando para vaguear pelas memórias da sua vida, pelas opções que tomaram e pelas oportunidades que perderam.

O Teatro da Palmilha Dentada nasceu no Porto, no saudoso ano de 2001. Corria o mês de Agosto quando estreou o espectáculo de rua Piratas do Fio de Água. Depois dedicou-se durante dois anos ao café-teatro e durante três anos fez rádio na Antena 1, onde apresentou um programa diário de humor. Para sala convencional, estreou O Menos Mau Das Noites Nocturnas De Um Par De Dois, Armadilha Para Condóminos, Bucket, A Cidade Dos Que Partem, Norma, 7:AM e o Guardião do Rio. Trabalhando principalmente o humor, em especial o absurdo, o Teatro da Palmilha Dentada tem apresentado exclusivamente textos originais.

FIO DE PRUMO
COMPANHIA
ERVA DANINHA
LARGO DO PICADEIRO
16H30 / 17H30 / 18H30
M/12
DURAÇÃO 20 MIN

Criação J. Lix, Vasco Gomes Assistência de Direção Ana Vargas Mírcia Baltasar Molina Luz e Operação Romeu Guimarães Produção Julieta Guimarães Interpretação J. Lix, Vasco Gomes

Encontramo-nos num ambiente industrial assombrado pelos fortes ruídos das máquinas, pelo ar opaco envolto de uma névoa de pó. Perdidos neste amontoado de calor, tijolos e cansaço três malabaristas deixam-se levar pela poesia da construção. Da rigidez de um trabalho árduo nasce a maleabilidade da expressão máxima do corpo com o espaço e com os objectos que o rodeiam.

Neste excerto podemos visualizar uma composição de diferentes momentos deste espectáculo de Circo Contemporâneo. O seu carácter experimental surge do cruzamento entre o malabarismo, a manipulação de tijolos e outras expressões das artes performativas. O trabalho busca um olhar contemporâneo do indivíduo/artista e do seu lugar na sociedade e na criação.

A Companhia Erva Daninha surge em 2006 e instala-se na Fábrica da Rua da Alegria, espaço cedido pela Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo. Tem como missão explorar o diálogo entre as diferentes expressões das artes performativas seguindo uma estética experimental. Os seus trabalhos abordam temáticas actuais e têm como ponto de partida materiais biográficos, literários, cinematográficos, sociais e políticos. A sua procura de uma relação mais intimista e poética com os espectadores tomam os seus projectos essencialmente para palco ou espaços interiores. Espectáculos: Casa de Banho, Uma História Qualquer, Um Acordar Cinzento e Cheio de Medo, Noites Brancas, Trinspira, Fio Prumo, Desaguisado, Pira Te (projecto financiado pelo Ministério da Cultura/DgArtes).

ARRUMADORES DE PESSOAS

RADAR 360°

LARGO E FOYER DE ENTRADA / CIRCULAÇÃO PELO TEATRO
A PARTIR DAS 16H00
M/3

Direção artística Julieta Rodrigues Movimento e Coreografia António Oliveira Direção plástica Julieta Rodrigues Construção e Montagem Emanuel Santos Figurinos Julieta Rodrigues Produção RADAR 360° Associação Cultural Interpretação António Oliveira, Julieta Rodrigues e os participantes da ação de formação Agradecimentos Susana Menezes

Existem os arrumadores de roupa, os de discos, os de livros, os de lixo... Mas nós, somos os arrumadores de pessoas!
Esta proposta artística vive da interação com o público e com o espaço físico que acolhe a intervenção. Apostamos numa linguagem plástica forte e procuramos a nossa inspiração na sinalética e nas mensagens codificadas que revestem o nosso quotidiano. Introduzimos o cómico e o absurdo. *Orientamos e Desorientamos* as regras de organização que suportam as nossas deslocações de um lado para o outro. Este acto performativo será o resultado de uma acção de formação sob a orientação da Radar 360, que irá decorrer ao longo do Ciclo de Teatro do Porto. O objectivo desta formação será experimentar as ferramentas essenciais que suportam o trabalho de um intérprete de teatro de rua.

PERSONAGENS FRAGMENTADAS

RADAR 360°

CAMAROTES DO 1º PISO E ESPAÇO ENVOLVENTE
A PARTIR DAS 16H00
M/3

Do repertório de espectáculos criados pela Radar 360°, extraímos algumas personagens e decidimos habitar zonas específicas do Teatro São Luiz. O público é convidado a fazer uma visita panorâmica a estes fragmentos, que transportam universos multidisciplinares e marcam a identidade da companhia. Decidimos fragmentar os seguintes projectos:

A Radar 360° é uma associação cultural cujo trabalho criativo tem uma filosofia de cruzamento multidisciplinar, que procura estabelecer um processo criativo que se constrói e reconstrói na partilha da diversidade. Esta forma de trabalhar conduziu a Radar 360° à sua própria linguagem e a novas formas de teatralidade, gerando uma comunicação mais reveladora entre ela, o público e o espaço físico e social à sua volta. Sedada na Fábrica da Rua da Alegria, a associação trabalha no âmbito da criação de espectáculos, na área da formação e pedagogia, e na criação em site-specific. A ocupação do espaço público como local de intervenção artística, a aproximação das manifestações culturais contemporâneas aos públicos e a utilização de espaços não convencionais para a apresentação de espectáculos, são o seu habitat natural.

O BAILE DOS CANDEEIROS

(Projecto Concluído em fase de digressão e internacionalização)
Inspirados em rituais e tradições que remontam ao final dos anos 60, fomos buscar as bases para esta criação ao famoso Baile dos Cinco Candeeiros da Foz do Douro.

Direção Artística António Oliveira Figurinos e Plástica Julieta Rodrigues, Pedro Esteves, Emanuel Santos Sonoplastia Fernando Rodrigues

HISTÓRIAS SUSPENSAS

(Projecto Concluído em fase de digressão)
Todos nós já ouvimos histórias... Todos nos já a contamos... E quem conta um conto... é um contador de histórias! O Tempo nas histórias ou pára ou passa muito rápido... Aqui suspende-se no olhar de quem assiste e partilha esta aventura!

Direção Artística Joana Providência Coreografia A2C-Arquitectura Plástica e Figurinos Suzete Rebelo, Julieta Rodrigues Sonoplastia Flanco Co-produção Radar 360° - Maria Matos Teatro Municipal

OFF BALANCE *(Work in progress)*

Procuramos o equilíbrio no desequilíbrio! Encontramos no absurdo e no burlesco a metáfora perfeita para existir. Reinventamos um mundo ao contrário... Rompemos regras, conceitos e preconceitos, com a vontade clara de comunicar... *eu existo, estou aqui, olha para mim.*

Direção Artística António Oliveira Plástica e Figurinos Julieta Rodrigues Sonoplastia Rodrigo Malvar

ZUMANOS *(Projecto em fase de criação)*

Uma metamorfose, algures entre Zoo e Humanidade, o indígena civilizado... Uma fronteira tênue, provocativa e simultaneamente poética... O Zoológico: espaço de ficção que pretende recriar a realidade através dos habitats naturais das diferentes espécies que nele habitam.

Direção Artística Julieta Rodrigues Plástica Julieta Rodrigues Sonoplastia António Oliveira

CEM LAMENTOS TENDA DE SAIAS

SUB-PALCO
16H30 / 17H30 / 18H30
M/16
DURAÇÃO 20 MIN

Adaptação Tenda de Saias a partir do espectáculo Cem Lamentos com texto original de Marta Freitas
Encenação Ana Luena Banda sonora original Rui Lima, Sérgio Martins Desenho de luz José Nuno Lima Interpretação Olinda Favus, Rute Pimenta, Tânia Dinis, Xana Miranda

O projecto Cem Lamentos da Tenda de Saias foi financiado pelo Ministério da Cultura/ Direcção-Geral das Artes.

“Sabe que pode contar tudo o que quiser... E a verdade é que precisa de desabafar... Guardou isso tempo de mais. E para quê? O importante é verbalizar. Pôr em palavras estes bocadinhos de realidade que nos pesam na mente... E há pedaços enormes e muito sujos. Sabe a que me refiro, não sabe? Aqueles pedaços mais sujos...”

Regra número 1: se aceitar este encontro, terá de estar seguro de que ele o irá mudar para sempre. Regra número 2: quanto mais expuser de si mesmo, mais probabilidades tem de vir a ganhar o prémio final. Regra número 3: a decisão da Mestre de Cerimónias é soberana. Regra número 4: as apostas apenas podem ser realizadas no momento reservado para tal. Regra número 5: este encontro nunca existiu. Regra número 6: o importante é acreditar. Regra número 7: não há regras. Marta Freitas

A Associação Cultural - Tenda de Saias foi fundada em 2007 por um colectivo de actrizes formadas pela ESMAE (Porto). O núcleo actual é constituído por Olinda Favus, Tânia Dinis e Xana Miranda. A génese da Tenda reside na vontade dos seus membros em desenvolver um projecto teatral coerente e inovador, aliada a uma afinidade artística e ao desejo de dinamização cultural. Centra a sua actividade na criação, produção e apresentação regular de espectáculos, na promoção de novas dramaturgias e na captação de novos públicos através do uso de linguagens contemporâneas do espectáculo. Salientam-se os projectos “Eva à l’Orange”, espectáculo experimental sobre o Nascimento, e “Cem Lamentos”, obra inovadora sobre universos clandestinos, ambos interpretados e encenados por mulheres. A Tenda de Saias integra o núcleo da Fábrica da Rua da Alegria, no Porto, onde tem as suas instalações

METO A COLHER?! PELE

LARGO DO PICADEIRO
DAS 16H00 ÀS 20H00
M/16

Criação PELE 2008 Direcção Artística Hugo Cruz
Cenografia e Figurinos PELE
Interpretação musical Afonso Passas e elementos da comunidade local Criação Musical Original Miguel Ramos Produção Joana Ventura Interpretação Eiva Fernandes, João Pedro Correia, Manuel Magalhães, Maria João Mota e elementos da comunidade local

Agradecimento Loja Ocasito” - móveis, discos, livros, brinquedos e antiguidades

Esta instalação/performance contínua resulta da pesquisa e aprofundamento do tema da violência doméstica, ao longo dos últimos cinco anos, através de vários projectos com diferentes populações, nomeadamente vítimas e agressores. Numa estrutura em forma de cubo, vários intérpretes alternam entre si e recriam quadros domésticos, retratando as diferentes formas de violência no contexto da esfera privada. Como fundo, uma sonoridade constante e cíclica que sustenta a violência doméstica e a improvisação dos intérpretes. Diz o ditado popular que “Entre marido e mulher, ninguém mete a colher!”. Pegando nesta máxima tão profundamente enraizada no quotidiano dos portugueses, esta proposta transfere o espaço privado para o espaço público, desnudando-se aquilo que muitas vezes preferimos não ver, ouvir ou saber. O público opta se entra, ou não, neste espaço íntimo, para que simbolicamente possa, ou não, “meter a colher”.

A PELE, Espaço de Contacto Social e Cultural é uma Associação sem fins lucrativos, que está sediada no Porto desde a data da sua criação, em 2007. O seu objecto central é a promoção do desenvolvimento humano e social através da arte e tem como principais áreas de acção: projectos artístico-comunitários, criação artística, formação/consultoria e o Núcleo de Teatro do Oprimido do Porto. Esta estrutura tem-se dedicado mais fortemente à criação de projectos artístico-comunitários, nos mais diversos contextos e com as mais diferentes populações, privilegiando a intervenção no espaço público.

ÓPERA DOS CINCO EUROS TEATRO DE FERRO COM RADAR 360º E TEATRO DO FRIO

19€100
SALA PRINCIPAL
M/12
DURAÇÃO 1100

Dramaturgia, Texto e Canções Regina Guimarães
Encenação e Cenografia Igor Gandra Movimento
Carla Vêloso Marionetas *Júlio Alves, Igor Gandra*
Figurinos Diana Regal Desenho de luz *TdF, Gil Rovisco* Assistente de figurinos *Elisa Pinto*
Fotografia de cena Susana Neves Operação de som
João André Lourenço Direção de montagem *Virgínia Moreira* Oficina de construção *Catarina Falcão, Virgínia Moreira, Vera Martins, Américo Castanheira*
– Tudo Faço Produção Teatro de Ferro
Interpretação António Oliveira, Igor Gandra, José Pedro Ferraz, Julieta Rodrigues, Rodrigo Malvar, Rosário Costa Participação especial *Carlota e Matilde*
Co-produção Teatro de Ferro, Radar 360, Teatro do Frio, Festival Escrita na Paisagem, Festival Internacional de Marionetas do Porto, Teatro Nacional São João Agradecimentos *Catarina Lacerda*

Teatro do Ferro é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Cultura / DgArtes.

“(…) porém foi-nos parecendo que, da mesma maneira que o diplomado sub-empregado a recibo verde deveria sentir-se socialmente solidário do trabalhador sem contrato nem salvaguarda contra a adversidade, o actor sem tecto deveria sentir-se politicamente próximo do migrante sem eira nem beira. E pois de muitos inflexíveis que o sonho deste espectáculo se fez e faz. Não imaginávamos que a realidade da actual perseguição movida contra as comunidades ciganas viesse trazer tanta e tão dura água ao nosso moinho. Para combater a tentação modelo único e a formatação made in Europe, os filhos de Cain, grudados aos valores da propriedade e da raiz, terão de reconhecer em si mesmos tudo quanto foram recalçando dos seus desejos inconfessados de nomadismo. Possa a Ópera de 5 Euros ser parte, ínfima mas parte, desse feliz reconhecimento.”

Regina Guimarães, Setembro 2010

O Teatro de Ferro desenvolve o seu trabalho desde 1999, nos campos do teatro de marionetas e movimento. É na fusão destes elementos que o TdF forja o seu vocabulário teatral, performativo e interventivo. As criações da companhia apontam propósitos distintos, embora artisticamente convergentes: espectáculos para crianças dirigidos ao público escolar e familiar; ateliês multidisciplinares com duração de seis meses, que se materializam em espectáculos em que participam jovens integrados em projectos de reinserção social e espectáculos de pesquisa onde se procuram caminhos inexplorados por este colectivo. O Teatro de Ferro tem a direcção artística de Igor Gandra e Carla Vêloso.

LIE ACT – THEATRE FOR THE EAR NOISE 'R' US

FESTA DE ENCERRAMENTO
AS 20€100
JARDIM DE INVERNO

Rui Lima músico-performer *Sérgio Martins*
músico-performer *Samuel Coelho* violino
Jorge Quintela imagem

Um espectáculo que pretende levar-nos a uma viagem, provocar uma espécie de hipnose. Um concerto-performance de música electrónica, experimental, pop e electroacústica. O meio para fixar a performance de instrumentos musicais passará a ser agora a performance em si.

ANEXO 3

SÃO LUIZ

Temporada 2010-2011

O JOGADOR A PARTIR DE FIÓDOR DOSTOIEVSKI



© José Frazão

SÃO LUIZ

Temporada 2010-2011

O JOGADOR A PARTIR DE FIÓDOR DOSTOIEVSKI

5 A 21 MAI

QUARTA ÀS 21H00
episódios 1 e 2

QUINTA ÀS 21H00
episódios 3 e 4

SEXTA A DOMINGO
ÀS 18H00 *todos os episódios*

SESSÃO COM INTERPRETAÇÃO
EM LÍNGUA GESTUAL
PORTUGUESA: 15 MAI, DOM, 18H00

SALA PRINCIPAL
M/12

* na composição original é integrado o tema
The beat in me de Nick Lowe

ENCENAÇÃO
GONÇALO AMORIM

ADAPTAÇÃO
EMÍLIA COSTA

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO
E DRAMATURGIA
ANA BIGOTTEVIEIRA

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO
E COREOGRAFIA
VÂNIA ROVISCO

CENOGRAFIA
RITA ABREU

ASSISTÊNCIA DE CENOGRAFIA
RAQUEL ALBINO

FIGURINOS E ADEREÇOS
ANA LIMPINHO
MARIA JOÃO CASTELO

MÚSICA ORIGINAL *
PAULO FURTADO
RITA REDSHOES

DESENHO DE LUZ
JOSÉ MANUEL RODRIGUES

SONOPLASTIA
SÉRGIO MILHANO

VÍDEO
FREDERICO LOBO

INTÉRPRETES
ANTÓNIO FONSECA
CARLA GAIVÃO
CARLA MACIEL
DUARTE GUIMARÃES
IRIS CAYATTE
JOANA DEVERONA
JOÃO VILLAS-BOAS
MÓNICA GARNEL
NICOLAS BRITES
RAQUEL CASTRO
ROMÉU COSTA
VÂNIA ROVISCO

APOIO



Prado - Associação Cultural

AGRADECIMENTOS

ALINA LEVIKOVA-BIGOTTE
ANA PAIS
ANA PAULA NETO
CATARINA BARATA
CATHLEEN TSENG
COMPANHIA OLGA RORIZ
ESCOLA DE MÚSICA DO CONSER-
VATÓRIO NACIONAL
ESCOLA SALESIANA DE SANTO AN-
TÓNIO - ESTORIL
FERNANDO ROSADO
GIAH LIM
IRINA GARNEL

JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA
JOSÉ PEDRO SERRA
LUÍS BIGOTTE
LUÍS MELRO
NINA E FILIPE GUERRA
PARTICIPANTES NO CLUBE DE
LEITURA DE O JOGADOR
RUI CATALÃO
SHARON LUBKEMANN ALLEN
TEATRO DA CORNUCÓPIA
TEATRO PRAGA
VASCO ROCHA VIEIRA
VERÓNICA METELLO
MÁRIO ASSIS FERREIRA
MARTA FIGUEIREDO

1. Os Episódios

Antônio Fonseca General
Carla Galvão Polina
Carla Maciel Mlle. Blanche
Duarte Guimarães Mr. Astley
*Iris Cayatte Natasha **
*Joana de Verona Cocha / Polara **
João Villas-Boas Monsieur Des Grieux
Mônica Carmel Baboulinka (avó)
*Nicolas Brites Croupier / Cura **
*Raquel Castro Nádia **
Romeu Costa Alexei
*Vânia Rovisco Venetka / Polara **

** personagens que surgem na adaptação,
existem apenas em referência no original.*

*nos episódios 1 e 3 participam
alémadamente alguns dos membros
do Clube de Leitura*

Primeiro Episódio: *Azara*

Alexei, o jovem perceptor das filhas do General, chega a Roletemburgo. Traz consigo o dinheiro das jóias que o General e Polina lhe mandaram empenhar. Na sua ausência, chegaram vários telegramas anunciando para breve a morte de Baboulinka, a velha avó rica, cuja morte iria solucionar a difícil situação econômica em que a família se encontra. Entre banhos, ginástica e sumos, num ambiente de aparente ócio, Alexei, a pedido de Polina, por quem se encontra profundamente apaixonado, entra pela primeira vez num casino.

Segundo Episódio: *Pleno*

Obedecendo a um capricho de Polina, Alexei é despedido pelo General. Indignado, exige uma reparação e planeia um duelo que seria um escândalo para a família. Num ambiente pesado, marcado pelo ritmo dos telegramas e pela presença do casino, o General e Des Grieux tentam a todo o custo evitar que tal escândalo aconteça.

Terceiro Episódio: *Zero*

Em vez dos telegramas, é Baboulinka quem aparece. Apesar de presa a uma cadeira de rodas, com o seu temperamento autoritário, Baboulinka dita o compasso do episódio, fazendo com que os acontecimentos se precipitem vertiginosamente.

Quarto Episódio: *Manque*

Baboulinka partiu e com ela foram as esperanças. Cada um perdido no seu labirinto procura ainda um caminho, uma saída.

2.
DESTE ESPECTÁCULO
*Entrego-me
às paixões
mais cruéis*
Gonçalo Amorim

O Jogador é a minha primeira estreia com o FMI em Portugal.

Esta é uma das coisas que pode acontecer a um encenador português: estreiar um espectáculo percebendo que o seu país tem grandes dificuldades em encontrar um caminho sem ser o do endividamento (principalmente privado e não só público) e que, no mundo, Portugal é como um cidadão de classe média-baixa, vulnerável à ganância dos especuladores e dependente "dos resultados dos testes de stress dos bancos" (para usar a expressão do senhor Presidente do FMI).

No momento em que estamos a ser novamente assaltados por senhores de fato, e em que poucos têm a coragem de exigir que pague a crise aqueles que a provocaram, surge este espectáculo vindo das periferias da Europa. Periferias, ontem como hoje, obcecadas pelo seu centro político, económico, filosófico e artístico. *O Jogador* é uma reflexão sobre um homem que vive intensamente a vida e que, fazendo parte de uma teia de relações com dimensões próprias, arde no seu próprio fogo, "entregando-se às paixões mais cruéis".

Quisemos viver este processo com intensidade e por isso nos provocámos violentamente — para que daqui saia uma energia tão forte que possa apaixonar, enjoar, acabar com o pecado, fazer-nos viver cada dia como se fosse o último. Uma energia que faça explodir os senhores de fato que nos roubam, e que faça Portugal encontrar outro rumo. Que nos desoriente de tal modo que no fim do espectáculo deixemos de simplesmente dar por adquirida toda a vitalidade que colocamos nos nossos ideais. Que nos dê que pensar. Um espectáculo complexo para uma não menos complexa Europa.

Neste espectáculo me encontro, neste espectáculo me perco. Quero com isto dizer, que me sinto muito orgulhoso de todos que foram pondo pausinhos neste ninho: primeiro eu e a Marta quando lemos *O Jogador* em Paris, depois a Ana Bigotte Vieira e a sua ideia dos episódios; o Jorge Salavisa e a Aida Tavares que nos abriram o São Luiz para o espectáculo e também para o Clube de Leitura, e o José Luís Ferreira que continuou a cuidar de nós desde que chegou. A Emília Costa a quem entreguei a adaptação, e a Rita Abreu a quem entreguei a cenografia. A Cecília Folgado, entusiasta do Clube de Leitura, que nos permitiu ter um grupo sólido nas sessões do clube, com o Helder Wasterlain, o Luís Jerónimo, a Nádia Nogueira, a Renata Portas, a Teresa Raposo, o João Pedro Mamede, o Nuno Rodrigues e o Bernardo Fonseca. A Tiza Gonçalves, que esteve nas primeiras reuniões de produção, e a Susana Duarte que agarrou a Direcção de Produção do projecto e o defendeu como se fosse dela. Todos os actores, a maior parte deles companheiros de outras empreitadas como esta, como o Romeu Costa, a Carla Galvão, a Carla Maciel, a Mónica Garnel, o Duarte Guimarães, o António Fonseca, o Nicolas Brites, a Raquel Castro, a Iris Cayatte, a Joana de Verona e o João Villas-Boas. O Paulo Furtado e a Rita Redshoes que acompanharam muitas das nossas improvisações. Depois os meus cúmplices, José Manuel Rodrigues, Sérgio Milhano, Ana Limpinho, Maria João Castelo e Frederico Lobo, e a Raquel Albino que chegou para ajudar a Rita. Também a Vânia

2.
DESTE ESPECTÁCULO
*Entrego-me
às paixões
mais cruéis*
Gonçalo Amorim

Rovisco, que teve um papel determinante ao meu lado na encenação durante a fase de ensaios. Na equipa do São Luiz, o Hernâni Saúde e o João Nunes que fizeram tudo para que o nosso espectáculo ficasse impecável com o senhor Manuel Castiço e com os maquinistas António Palma, Paulo Mira e Vasco Ferreira. Na iluminação o Carlos Tiago, o Ricardo Campos, o Ricardo Joaquim e o Sérgio Joaquim, no som o Nuno Saias, o Ricardo Fernandes e o Rui Lopes, no vídeo a Marta Pedroso, na Direcção de Cena a Maria Távora, e a Cristina Lucas sempre por perto. Depois o Nuno Santos que é um entusiasta do projecto, a Maria Vlachou na comunicação, a Andreia Luís a apoiar a produção, todo o secretariado, todos os assistentes de sala e funcionários da bilheteira que tiveram de lidar com a venda de bilhetes para um espectáculo em episódios. A Carla Alves que com a sua simpatia nos foi dando de comer no bar de artistas. Os nossos convidados Rui Catalão, José Pedro Serra, Verónica Metello, Fernando Rosado e Luís Melro, cujas conversas muitos nos inspiraram. Obrigado a todos.

ANEXO 4

SÃO LUIZ

Temporada 2010~2011

AGAMÉMNON VIM DO SUPERMERCADO E DEI PORRADA AO MEU FILHO

21 A 30 ABR
QUIN TA A SÁBADO ÀS 23H30
JARDIM DE INVERNO / M/12

TEXTO
RODRIGO GARCÍA

TRADUÇÃO, ENCENAÇÃO
E ESPAÇO CÉNICO
JOHN ROMÃO

INTERPRETAÇÃO
GONÇALO WADDINGTON
e as crianças
ALEXANDRE PIRES
HENRIQUE PIRES
MARTIM BARBEIRO

DESENHO DE LUZ
DANIEL WORM D'ASSUMPCÃO

MÚSICA
DANIEL ROMERO (TAPE.)

FOTOGRAFIA
SUSANA PAIVA

CO-PRODUÇÃO
COLECTIVO 84 / PENETRARTE
MURMURIU
EM CO-APRESENTAÇÃO COM O SITEM

84

O Colectivo 84 /
Penetrarte é uma
estrutura apoiada por

<http://colectivo84.blogspot.com>

APOIOS

Alcantara
Bomba Suiçida
Câmara Municipal de Almada
O Espaço do Tempo

O Colectivo 84 é uma estrutura
associada da ZDB (Lisboa) e da
Casa das Caldeiras (Coimbra)

AGRADECIMENTO ESPECIAL
Solange Freitas e Neto Portela

www.teatrosauliz.pt

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARLI CALDEIRA, 28, 1200-027 LISBOA
CISRAL@TEATROSALUIZ.PT; TEL: 312 287 640

EGEAC

RODRIGO GARCÍA

por Philippe Macasdar (Director do Théâtre de Saint-Gervais de Genebra)

Moralista paradóxico, Rodrigo García volta às origens do ritual do teatro – o seu papel, o seu impacto, o que está aí em jogo – activando todos os sentidos do espectador, no transcorrer de uma experiência ora íntima ora pública. Este teatro espera, em todos os sentidos da palavra, uma reacção: sensitiva e intelectual, intempestiva, dubitativa. Poderíamos pensar que exagera quando nos mostra em detalhe o cavar das nossas próprias tumbas, cegamente. Mas será que é ele que exagera? Quando em realidade se empenha em que o seu teatro seja o olho do ciclone, um espaço efémero, depósito de ruído e da fúria das nossas sociedades domésticas e guerreiras. Aqui, o exagero é a condição para medir o estado das coisas.

Rodrigo García trabalha em função da cristalização dos “lugares comuns”, procura o contacto com os nossos demónios e demais mitologias contemporâneas. Nas suas fábulas, mostra como a publicidade se infiltrou em todos os lugares da nossa existência, substituindo-se à política, governando por detrás da sua máscara. Arma e desarma tudo o que cremos conhecer mas que, no entanto, não queremos ver: a nossa implicação pessoal crescente neste sistema. Por isso é-lhe colocada a etiqueta de “provocador”. Mas não seria tal sentimento de provocação o sinal de que o seu trabalho desperta a nossa capacidade de ser espectadores ainda vivos, capazes de maravilhar-nos, de exercer o nosso juízo, de indignarmo-nos?

O jogo insolente de teatro contra a seriedade mórbida das máscaras sociais.

Rodrigo García avança sobre o campo minado do mundo, imita-o, mete-o à prova, como uma espécie de jogo, exaspera-o até fazê-lo cair dentro do teatro. De tal salpicar perigoso surge uma arte frágil e inquieta, de reflexão e de combate. Recusando a política da avestruz, convida-nos a não perder a esperança dos encantos da representação.

Desde há alguns anos, sabe enfrentar o êxito e as sirenes da fama mercantil. Irredutível à moda que o rodeia e o elogio para melhor denegri-lo, soube travar a espiral da produção exponencial e privilegiar a arte de um processo de criação cada vez mais profundo.

JOHN ROMÃO ENCENAÇÃO

Licenciatura em Teatro – Actores/Encenadores, Escola Superior de Teatro e Cinema. Curso Internacional Nouvelle École des Maitres, por Rodrigo García. Curso de Estéticas e Teoria da Arte Contemporânea, Sociedade Nacional de Belas Artes. A sua formação inclui o contacto com Jan Fabre, Wim Vandekeybus, Mónica Calle, João Fladem, entre outros. Em teatro, trabalhou com Jorge Silva Melo (Artistas Unidos), Tiago Rodrigues (Mundo Perfeito), Jorge Andrade (Mala Voadora), Nilo Gallego, Francisco Salgado, Rodrigo García (La Carnicería Teatro), Maria João Machado, Marcos Barbosa, Jean-Paul Bucchieri e Harvey Grossman. É assistente de direcção artística de Rodrigo García (ES), destacando *Gólgota piém* (Centro Dramático Nacional de Madrid 2011), *Ésto es así y a mí no me jodís* (Théâtre Scène Nationale d'Annecy 2010), *Crada, Vuela y vuelas, Al punto, Chamusca* (Festival d'Avignon 2007), *Avejal mis ceñtas sobre Mickey* (Théâtre National Bretagne 2006), etc. É assistente de Romeo Castellucci para uma performance na Bienal de Veneza 2011. Em cinema trabalhou com João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira (2010), João Pedro Rodrigues (2008), Sérgio Brás D'Almeida (2007) e Manoel de Oliveira (2004). Dtrigiu, entre outros, *O ato da história* (2010), *Moro como país* (2010), *Só os siléncios quem se salvam* (2009), *Velocidade Máxima* (2009), *Hópito - monólogo masculino sobre a perplexidade* (2009), *A direcção do sangue* (2008), *Skaten* (2008), *Why am I be me* (2005-2006) e a vídeo-instalação *Land Escape* (2007). Prémio Jovens Talentos – Almada, Terra das Artes e da Criatividade (2010). Professor convidado na Escola Superior de Dança, onde lecciona a disciplina de Teatro.

GONÇALO WADDINGTON INTERPRETAÇÃO

Gonçalo Waddington é actor, encenador, produtor, argumentista e formou-se na Escola Profissional de Teatro de Cascais. Entrou-se no teatro em 1995, com *Portugal Anos 40* de Luís Francisco Rebelo, encenação Carlos Avêz. Trabalhou com Fernando Heltor em *A Importância de Ser Amável*, Maria Emília Correia em *O Gato Q Chave e Dólaro B-Paque*, Luís Miguel Cintra em *A Cidade*, Cristina Carvalhal em *Cibuldo* e *De que Filamos quando Filamos de Amor* co-encenada por João Vieira, Marco Martins *Quando o Inveno Chegar* de José Luís Peixoto; Tiago Guedes em *The Pillowman* no Teatro Maria Matos; John Retallack em *Romeo e Julieta* no Teatro São Luiz; Jorge Silva Melo em *Animais Domésticos e Confissões de Imprensa e outros Alibabes*; Luísa Pinto em *Daí*, Bruno Bravo em *Um Conto de Natal: Variações de Dickens, Eufemias, O Homem do Pé Direito e Pausletúric*; Miguel Seabra em *Piza Além do Têjo*; Almeno Gonçalves em *A Saque*; João Lagarto em *Ninguém Fianá Inven*. Colaborou com companhias como o Teatroesfera, os Prímetros Sintomas, o Teatro Meridional ou os Artistas Unidos. Na televisão protagonizou a série *Até Amanhã Chamada* de Joaquim Leitão. No cinema participou em *Alce* de Marco Martins; *Costa Rica* e *Entre os Deuses* de Tiago Guedes e Frederico Serra; *Mãe Natal* de João Canijo e mais recentemente protagonizou *Águas Mú* de Ivo M. Ferreira a estreir em 2011. Encenou, em 2007, *Comida*, de Miguel Castro Caldas. Em 2009, encenou e escreveu, com Tiago Rodrigues a peça *O que se Liza seria Vida*, co-escrita com João Canijo. Colabora com a companhia holandesa Dood Pzand: *Anuwer Me* de Gerardjan Rijniers. Encenou *Rosenthal* de Henrik Ibsen. Escreveu, produziu e realizou a curta-metragem *Nenhum Nome*, menção honrosa Prémio SIGNIS Árvore da Vida, IndieLiboa'10.

Brevemente: **HORROR OU BREVE ESTUDO SOBRE A PARALISIA**,
com direcção de John Romão. Estreia a 9 de Junho, Teatro Nacional D. Maria II.

ANEXO 5

SÃO LUIZ

Temporada 2010~2011

LUÍS MADUREIRA CANTA FRIEDRICH HOLLAENDER

13 E 14 MAI
SEXTA E SÁBADO ÀS 23H30
JARDIM DE INVERNO / M/3

LUÍS MADUREIRA
voz

DANIEL BERNARDES
direção musical e piano

JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA
acordeão e piano

ANTÓNIO QUINTINO
contrabaixo

JOEL SILVA
bateria

Tradução das canções
CLAUDIA J. FISCHER

apoiamento
JOÃO CAULNEIRO
JOSÉ FORTES

www.teatroaluz.pt

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARILIA CAULNEIRO, 26, 1200-027 LISBOA
CJES.AL@TEATROSAOLUIZ.PT; TEL: 312 257 640



Depois da apresentação, na temporada 2007/2008, das canções de Barbara, o cantor Luís Madureira regressa ao Jardim de Inverno com um recital de canções de Friedrich Hollaender, cuja direcção musical e arranjos são de Daniel Bernardes.

Friedrich Hollaender nasceu em Londres, em 1896. Os pais eram alemães, o pai era o compositor Victor Hollaender. Estudou na Alemanha, frequentou o conservatório em Berlim, e começou a sua carreira musical como maestro assistente na Ópera de Praga. Cedo começou, contudo, a escrever música ligeira. A sua fama deve-se, principalmente, às canções que compôs para o cabaret e para o cinema, quer na Alemanha – o *Anjo Azul*, de Sternberg, tem música sua – quer nos EUA, para onde se retirou antes da segunda guerra mundial. Blandine Ebinger foi a sua primeira mulher e uma das grandes intérpretes da sua música. Contudo, de entre os muitos artistas famosos que interpretaram as suas obras, foi Marlene Dietrich, quem mais de perto ficou associada, internacionalmente, ao seu nome. Foi ela uma das mais conhecidas intérpretes de canções como *Ich bin von Kopf bis Fuss auf Liebe eingestellt*, *Kinder, heut abend, da such ich mir was aus*, *Peter, Jonny, Black Market*, *Illusions*.

PROGRAMA

Marion Tango
Música de Friedrich Hollaender

Ich bin von Kopf bis Fuss auf Liebe eingestellt
Letra e música de Friedrich Hollaender

Jonny, wenn du Geburtstag hast
Letra e música de Friedrich Hollaender

Ich lass mir meinen Körper schwarz bepinseln
Letra de Robert Liebmann e Friedrich Hollaender
Música de Friedrich Hollaender

Eine kleine Sehnsucht
Letra e música de Friedrich Hollaender

Wenn ich mir was wünschen dürfte
Letra e música de Friedrich Hollaender

Wenn ich mal tot bin
Letra e música de Friedrich Hollaender

Kinder, heut abend, da such ich mir was aus
Letra de Robert Liebmann
Música de Friedrich Hollaender

Keiner weiss, wie ich bin, nur du!
Letra e música de Friedrich Hollaender

Wie hab ich nur leben können ohne dich
Letra de Friedrich Hollaender e Robert Gilbert
Música de Friedrich Hollaender

Ich weiss nicht, zu wem ich gehöre
Letra de Robert Liebmann
Música de Friedrich Hollaender

Reizend
Letra e música de Friedrich Hollaender

The ruins of Berlin
Letra e música de Friedrich Hollaender

ANEXO 6

SÃO LUIZ

Temporada 2010~2011

CICLO NOVOS x9 PECAS FRESCAS

16 MAI
SEGUNDA ÀS 18H30
JARDIM DE INVERNO
M/3

Coordenação
Prof. Luís Tinoco

Produção
Francisco Tavares
André Miranda
Tiago Cabrita

Agradecimentos
à Direcção do São Luiz
Teatro Municipal e toda a
sua equipe, à Direcção da
ESML, aos professores
Alberto Roque, Carlos
Caires e Carlos Fernandes,
e a todos os colegas de
instrumento que
generosamente participam
neste projecto.

www.teatrosauliz.pt

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARLI, CALÇADO 26, 1200-027 LISBOA
018.41.61@TEATROSALUIZ.PT; TEL. 312 287 640



PROGRAMA 16 MAI

Tiago Rodrigues

Os últimos esquisos de Erich Zann (9')
(Prof. Sérgio Azevedo, 1º ano)

H.P. Lovecraft, um dos grandes vultos da arte literária do século XX, considerado um dos principais pilares da literatura fantástica e da ficção científica, foi o criador de um mundo onde o medo e a insanidade eram (e são) a única saída. Agora imaginemos, por um momento só, que uma das suas personagens ganhara vida... Mais precisamente Erich Zann. O velho músico germânico que tinha descoberto melodias e ritmos que não pertenciam a este universo... e ele executava estas melodias, na sua viola de gamba, pois esta era a única forma de manter afastadas, de sua janela, criaturas tenebrosas que nenhuma palavra humana conseguiria descrever. E agora imaginemos, por um momento só, que alguém descobrira uns velhos esboços... esquisos que continham algumas destas melodias e ritmos, esquisos esses que alguns tiveram acesso, grandes nomes da música que nos cativaram com a sua brutalidade e beleza sublime, detentores de um dialeto de um outro mundo paralelo... Pois bem, eu não tive acesso a nenhum destes esboços... mas... Imaginai, por um momento só, qual seriam os últimos esquisos de Erich Zann... E imaginem vocês, pois para H.P. Lovecraft, imaginar era o suficiente.

4teto de cordas
Joana Viana *violino*
Miguel Vaconcelos *violino II*
Ricardo Gaspar *viola*
Cláudio Pavia Nunes *violoncelo*

Edward Luiz Ayres d'Abreu

Ainda não vi-te as mãos (10')
(Prof. António Pinho Vargas, 3º ano)

[Excertos instrumentais de ópera de câmara
(I - Abertura; III - Interlúdio; V - Interlúdio)]

Num pequeno cenário, como uma *villa*, no meio da cidade, três personagens e uma sombra coabitam no espaço das ansiedades, desesperos, tristezas, esperanças e medos. Estas personagens que são vizinhas não se conhecem, mas reconhecem-se visualmente. Cada uma delas cria uma expectativa em relação às outras e uma entidade que, na intimidade, é diferente. Nesse meio íntimo, elas desenham o seu fio de pensamento, cantando o que as atormenta. Nessa *villa*, há um pianista que todas as manhãs toca. O som do piano ecoado na *villa* leva as personagens a libertarem-se nos seus pensamentos mais íntimos e a chorarem os males que lhes pesam, todas as suas fragilidades. Cada uma, à sua maneira, conta a sua história e, no anonimato, libertam-se ao som da música do pianista que guia estas pessoas para a interrogação da sua existência ou do futuro.

Líbrato Joana Guerra

Três vozes e *ensemble*
Ana Tomás voz 1
Lea Cardoso voz 2
Duarte Pereira Martins voz 3
Philippe Marques piano
António Correia acordeão
Catarina Atalata flauta transversal / flautim
David Campelo flauta de bocal sensensitista baixo
Mário Vinagre clarinete sib
João Nunes saxofone soprano
Nuno Caetano *trompa*
Francisco Couto *trombone*

Direção Jan Wierzbna

Nuno da Rocha

Rente ao chão (6')
(Prof. António Pinho Vargas, 3º ano)

"*maninhos desagar
entre muros e muros que se repetem
na chama extenuada dos espelhos.
ninguém te segue
só um pássaro te confunde
com a pele rugosa das águas de setembro.
de perfil levam um claro timbre de vogais
andar no vento -
rente ao chão.*"
Eugénio de Andrade

"*pões sobre as mãos mãos pedais de chão
que fazem o mundo funcionar sobre a vontade
de um deus insólito.*"
Joana Vieira

Quinteto vocal e contrabaixo
Carmen Matos *soprano*
Sara Marques *soprano*
Ana Margarida Marreiros *mezzo soprano*
Frederico Projecto *tenor*
Tiago Oliveira *barítono*
João Seara *contrabaixo*

Direção Inês Raquinho

Francisco Tavares

Mãos de oleiro (10')
(Prof. Carlos Caires, 2º ano)

As mãos de um oleiro que molda não o barro mas uma massa sonora no seu torno rotativo, transformando-a, dando-lhe textura, forma, padrões. Aos poucos deixa de ser uma massa para se tornar num objecto sonoro com contornos definidos. Onde mudou? O que aconteceu? Para ouvir com os ouvidos e com a imaginação.

Septeto
Jorge Miguel Valente Cardoso *vozes língües*
Bruno José Baptista Sousa *clarinete baixo*
Joana Marques Bandeira de Sousa Correia *violoncelo*
João Luís Matos Lopes *marimba e vibrafone*
António Miguel Dias da Silva *guitarra eléctrica*
Sebastião Chirife *udu drum e percussão em água*
Vitor Alexandre Ferreira Alves *udu drum e percussão em água*

Direção Francisco Gonçalves Tavares

Carlos Cruz

Traumatikós (5')
(Prof. António Pinho Vargas, 3º ano)

Traumatikós: por vezes surgem acontecimentos emocionalmente dolorosos que tornam o sujeito particularmente sensível em situações similares. Quando recorrentes, essas perturbações podem manifestar-se com uma natureza agressiva. *Traumatikós* é o retornar a uma normalidade ferida pela alteração do estado do que é isto.

Grupo de Música Contemporânea da ESML

Mário Chan

Alma (12')
(Prof. Luís Tinoco, 3º ano)

Partindo do objectivo de usar a Teoria de Matrizes como material temático para uma peça de música, nasce esta peça de três andamentos onde em cada um deles é utilizado o mesmo material de maneiras diferentes.

Grupo de Música Contemporânea da ESML

SÃO LUIZ

Temporada 2010~2011

CICLO NOVOS x9 PECAS FRESCAS

17 MAI
TERÇA ÀS 18H30
JARDIM DE INVERNO
M/3

Coordenação
Prof. Luís Tinoco

Produção
Francisco Tavares
André Miranda
Tiago Cabrita

Agradecimentos
à Direcção do São Luiz
Teatro Municipal e toda a
sua equipe, à Direcção da
ESML, aos professores
Alberto Roque, Carlos
Caires e Carlos Fernandes,
e a todos os colegas de
instrumento que
generosamente participam
neste projecto.

www.teatrosauliz.pt

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARILIA CARLOS, 28, 1200-027 LISBOA
018.41.61@TEATROSALUIZ.PT; TEL. 312 287 640



PROGRAMA 17 MAI

Humberto Ramos

Tunga Bunga (4')

(Prof. António Pinho Vargas, 3º ano)

Do roçar à percussão
Sempre à procura do tempo
Tempo que não temos
Tempo que nos foge
Tempo que manda no tempo do nosso tempo

David Pereira Ribeiro *percussão*
Fábio Nóbrega *percussão*

Vasco Valente

Guigo para saxofone alto solo (6')

(Curso de Clarinete, 2º ano)

Guigo para saxofone alto solo foi composta como
prenda de aniversário para Rodrigo Marques Pires de
Lima, sendo o título da obra tanto uma alusão à sua
alcumha de infância (Guigo), como uma referência à
sua influência inicial de uma *giga* barroca (frases curtas,
em compasso composto com carácter ligeiro e alegre).
Inicia com a utilização de duas notas (Fá e Dó-Em
Mib) desenvolvendo-se com base em articulações e
dinâmicas rapidamente variadas com o objectivo de
passar por todo o registo do instrumento.

Rodrigo Marques Pires de Lima *saxofone*

Rui Lavos

Estudo para marimba (8')

(Prof. Luís Tinoco, 3º ano)

Escolhi adicionar à marimba outros dois instrumentos,
prato suspenso e bombo, embora não tenham uma
função tão importante quanto a marimba; de facto, esta
obra pretende ser um estudo para marimba, mas que
dê algum desafio ao músico, com a adição de
instrumentos secundários, tendo estes o papel de
reforçar as linhas melódicas e harmonia do
instrumento principal.

João Pacheco *marimba*

Cláudio Cruz

A razão de Epiménides (7')

(Prof. Sérgio Azevedo, 1º ano)

"(...) *se te confundiseste e assom-te. Som,*
pois nada houve em realidade
tes pensamento é que chegou por si só
no subo pólo da verdade".
Mário Quintana

A peça foi simbolicamente inaptrada no paradoxo de
Zeno, no entanto a sua sonoridade nada tem a ver
com um paradoxo, ou com Zeno...

Quarteto de clarinetes e marimba
Patrícia Silva *clarinete*
Júlio Miranda *clarinete*
Patrícia Antunes *clarinete*
Vasco Valente *clarinete baixo*

João Paulo Monteto *marimba*

Humberto Ramos

Minuetos do dia (3')

(Prof. António Pinho Vargas, 3º ano)

O diálogo entre dois irmãos que não se vêem
Mas que se sentem

Ira Antunes *piano*

Miguel Duarte de Oliveira

Cinco Miniaturas (10')

(Curso de composição, 3º ano)

Esta obra, constituída por cinco miniaturas, tem a
duração aproximada de dez minutos. Cada uma das
miniaturas pode ser interpretada separadamente ou em
conjunto, embora, uma vez tocada em conjunto,
devam seguir a ordem indicada na partitura. De uma
forma geral houve a preocupação de apresentar uma
visão pluralista de mundos, que aparentemente vivem
separados, numa proposta de partilha harmoniosa e
saudável. Certos movimentos e outras atitudes
enquadráveis na pós-modernidade sustentam, de
alguma forma, a presente opção artística. Pretende-se
com esta peça tentar contribuir para a pacificação da
relação entre estilos compositivos que, apesar de
diferentes, têm espaço de convivência plural.

O primeiro e o terceiro andamentos são, claramente,
mais complexos, com maior recuro a dissonâncias e
uma certa irregularidade rítmica. Por outro lado, os
dois andamentos restantes são mais consonantes, com
harmonias mais claras e métricas bem mais regulares.
São realmente opostos, mas podem ser vistos como
dois grupos pertencentes a um todo que se junta, pelo
menos, no mesmo espaço físico da partitura.

Trio
Susana Oliveira *oboé*
Marta Xavier *clarinete*
Daniel Mota *fagote*

Vários (Alunos da classe de improvisação, coordenada pelo Prof. Nicholas McNair: João Carvalheiro, Gonçalo Conceição, Francesco Luciani, Nuno da Rocha e Lea Cardoso) *Improvisação* (15')

"Caro ouvinte,
Buda diz que há só uma constante na vida - a
impermanência.
A música que vai ser tocada começa a sua existência mal no
acto de tocar; não é um objecto mas sim, um processo.
A música nasce na vibração duma corda - a medula espinal
dentro da coluna vertebral - , voa através das cordas do piano,
e procura a ressonância noutra corda sensível - a tua.
A música completa-se na tua imaginação; o seu significado
final é dado por ti. Por favor, cuida bem dela!"
Nicholas McNair

SÃO LUIZ

Temporada 2010~2011

CICLO NOVOS x9 ESCOLA DE MÚSICA DO CONSERVATÓRIO NACIONAL

18, 19 E 20 MAIO
18H30
JARDIM DE INVERNO
M/3

amanhã às 18h30

Grupos Vocais

29 Mai às 18h30

Orquestra e Coro da Escola de Música do Conservatório Nacional (OCN)

18 MAIO

Orquestras de Sopros

BIG BAND DA EMCN

C. Jam Blues – Duke Ellington
Chameleon – Herbie Hancock
Pink Panther – Henry Mancini
Begin the Beguin – Cole Porter
Sing Sing Sing – Louis Prima
Cataloup Island – Herbie Hancock

BRASS BAND DA EMCN

The Young in Heart – Eric Ball
Bohemian Rhapsody – F. Mercury / Arr. Darrol Barry
James Bond Collection – Arr. Geoff Richards

ORQUESTRA DE SOPROS DA EMCN

Tsar Boris – V. Kalininkov
Machu Pichu, City in the Sky – Satoshi Yagisawa
Sinfonia n.º 5 (Finale) – Dmitri Shostakovitch

www.teatrosauliz.pt

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARIA CALDEIRA, 26, 1200-027 LISBOA
CIS.AL@TEATROSAOLUIZ.PT; TEL. 312 257 640

 EGEAC

CICLO NOVOS x9 ESCOLA DE MÚSICA DO CONSERVATÓRIO NACIONAL

18, 19 E 20 MAIO
18H30
JARDIM DE INVERNO
M/3

29 Mai às 18h30

Orquestra e Coro da Escola de Música do Conservatório Nacional (OCN)

19 MAIO

Grupos Vocais

ENSEMBLE PEREGRINAÇÃO

Dir. Teresita Marques

Verbum caro - Anónimo (séc. XVI)

Cum decore - Tielman Susato (1551-?)

Andorinha gloriosa - Simão Barreto (1940)

El dindirindin - Mateo Flecha (1481-1553)

Balaio - Heitor Villalobos (1887- 1959)

Sapu culúlu - Simão Barreto (1940)

Azulão - Frederico de Aguiar (arr.)

Muie rendera - Emil Cossetto (1918)

CORO EM MOVIMENTO

Dir. Erica Mandillo

Ani Kouni - Trad. Índios Iroquois

Banuwa - Trad. Libéria

Lição de canto - L. Cherubini (adapt. Erica Mandillo)

O melro - D. Figueiredo

Quand la nuit se pose - Trad. França

ABC - W.A. Mozart

O concerto - W. Geisler

É tão bom cantar em coro - W.A. Mozart (arr. Ana Marques e Tiago Marques)

JOVENS CANTORES DA EMCN

Dir. Filomena Amaro

Concerto Panorama - Medley de G. Gershwin (Arr. John Higgins)

CORO MUSAICO

Dir. Tiago Marques

Romancero gitano - Mario Castelnuovo-Tedesco

1. *Baladilla de los tres ríos*

2. *La guitarra*

3. *Puñal*

4. *Procesión*

I. *Procesión*

II. *Paso*

III. *Saeta*

5. *Memento**

6. *Baile*

7. *Crótalo*

Júlio Guerreiro *guitarra*

* Camila Robert *guitarra*

www.teatrosauliz.pt

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARIA CALEDORES, 26, 1200-027 LISBOA
CJES.AL@TEATROSAULIZ.PT; TEL: 312 257 640



PEÇA CONJUNTA PELOS 4 AGRUPAMENTOS

Canticonum – G.F.Haendel

SÃO LUIZ

Temporada 2010-2011

CICLO NOVOS x9 ACADEMIA DOS AMADORES DE MÚSICA

22 MAIO
DOMINGO ÀS 17H30
JARDIM DE INVERNO
M/3

Coro dos Pequenos Cantores

Direção: Maestro Victor Paiva
Classe da Prof. M^a João Sousa

Adiemus Karl Jenkins
Double Trouble John Williams
Urururu Waldemar Henrique
My favourite things Richard Rodgers
Edelweiss Richard Rodgers

Trio

Prof. Fernando Flores

Trio n.º 3 António Ximenez
Allegro moderato
Rondó presto

Manuel Ferrer *violino*
Miguel Jesus *guitarra*
Pedro Sousa *contrabaixo*

Orquestra de Câmara da AAM

Direção: Prof. Jorge Lé

Brandenburg Concerto n.º 4
BWV em Sol Maior J.S. Bach
Allegro
Andante
Presto

Solistas
Manuel Ferrer *violino*
Dina Hernandez *flauta transversal I*
Prof. Manuel Luís Cochofel *flauta transversal II*

Prof. Eunice Bento *espineta*
Prof. Luisa Marcelino *contrabaixo*

Classe de Ópera

Direção: Prof. Margarida Marescos

A Canção dos Canhões (kanonensong)
Mackie: João David Almeida
Brown: António Montiz Pereira

A Balada do Chulo
Mackie: João David Almeida
Jenny: Ana Isabel Cunha

A Balada da Boa Vida
(Ballade vom angenehmen Leben)

Tutti

Músicos
Prof. Raimundo Semedo *saxofone*
Prof. José Monteiro *clarinete*
Prof. Fernando Guiomar *guitarra*
Paul Timmermans *piano*
Moritz Elbert *percussão*
Luisa Marcelino *contrabaixo*

Chiado Ensemble

Prof. António Ferreirinho

Paizagem Cubana com Chouu Leo Brouwer

Landscape David Adele

Coro de Câmara e Coro C

Direção: Prof. Margarida Simas
Acompanhamento ao piano:
Prof. Eunice Bento

Over the Rainbow (O Feiticeiro de Oz)
Harold Arlen

On my Own (Os Miseráveis)
Claude-Michel Schönberg
Solista: Vanessa da Silva

Climb ev'ry Mountain (Música no Castelo)
Richard Rogers

Ensemble Ad hoc

Direção: Prof. Fernando Flores

Anvil Poika Albert Parlow (arr. Jan Van Der Goot)
Allegro

A Flauta Mágica W.A. Mozart
(arr. Barbara Dobretsberger;
tradução em forma de soneto Pedro Sousa)

Andante
(Der Vogelfänger Bin Ich Já)
Larghetto
(Dies Bildnis Ist Bezaubert Schön)
Allegro
(Silberglöckchen, Zauberklöten)
Allegro
(Das Klinget So Herrlich)
Allegro Assai
(Der Hölle Rache)
Andante
(Ein Mädchen Oder Weibchen)
Allegro
(Es Siegte Die Stärke)

Manuel Ferrer *violino*
Maria Simões *flauta transversal*
Dina Hernandez *flauta transversal*
Daniela Gadelha *flauta transversal*
Irina Lopes *flauta transversal*
Sofia Galvão *violino*
Maria Ferrer *violino*
José Moreira *violoncelo*
Pedro Sousa *contrabaixo*
Miguel Jesus *percussão*
Cláudia Correia *piano*

Declamador João Almeida

www.teatrosauluiz.pt

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARIA CARLOS, 38, 1200-027 LISBOA
CPRAL@TEATROSAOLUIZ.PT; TEL.: 213 257 640



SÃO LUIZ

Temporada 2010~2011

CICLO NOVOS x9 9.º FESTIVAL DA ESML NO SÃO LUIZ

24 A 27 MAIO
TERÇA A QUINTA ÀS 18H30
SEXTA ÀS 23H30
JARDIM DE INVERNO
M/3

26 MAIO

Concerto pela *MusArt Camerata*

Direção: Prof. Gareguin Aroutiounian

A. VIVALDI (1678/1741)

Concerto *Alla Rustica*, em sol maior

I Presto

II Andante

III Allegro

Concerto para dois violoncelos, em sol menor RV 531

I Allegro

II Adagio

III Allegro

Solistas:

Mário Silva

Joana Correia

Concerto para quatro violinos e violoncelo em si menor

I Allegro

II Adagio

III Allegro

Solistas:

Gareguin Aroutiounian *violino*

Tamila Kharambura *violino*

Francisco Santos *violino*

Bruno Sousa *violino*

Joana Correia *violoncelo*

J. S. BACH (1685/1750)

Ária em ré maior

Concerto para piano em ré menor BWV 1052

I Allegro

II Adagio

III Allegro

Marta Menezes *piano*

W. A. MOZART (1756/1791)

Sinfonia concertante em mi bemol maior para violino e viola

1º andamento – *Allegro*

Solistas:

Francisco Santos *violino*

Ricardo Gaspar *viola*

Divertimento KV 136, em ré maior

I Allegro

II Andante

III Presto

www.teatrosauliz.pt

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARILIA CALDEIRA, 26, 1200-027 LISBOA
CJES.AL@TEATROSACLUIZ.PT; TEL: 312 257 640

 EGEAC

SÃO LUIZ

Temporada 2010~2011

27 MAIO

**CICLO
NOVOS x9
9.º FESTIVAL
DA ESML NO
SÃO LUIZ**

24 A 27 MAIO
TERÇA A QUINTA ÀS 18H30
SEXTA ÀS 23H30
JARDIM DE INVERNO
M/3

The 13th of the magical 7
João Capinha

Tocar-te
Iuri Gaspar

Urso Bipolar
António Quintino

Ricardo Toscano *sax alto*
António Quintino *contrabaixo*
Miguel Moreira *bateria*

www.teatrosoluiz.pt

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARILIA CALDEIRA, 26, 1200-027 LISBOA
CISL.AJ@TEATROSOLUIZ.PT; TEL. 312 257 640

 **EGEAC**

Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico - convertido pelo Lince.

